

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
– URI
CAMPUS DE FREDERICO WESTPHALEN
PRO-REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO EM
EDUCAÇÃO**

**O PAPEL DOS CENTROS FAMILIARES DE FORMAÇÃO POR ALTERNÂNCIA –
CEFFAS- E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DO
MEIO RURAL**

Frederico Westphalen, abril de 2014.

CLEBER RENATO ZORTEA

**O PAPEL DOS CENTROS FAMILIARES DE FORMAÇÃO POR ALTERNÂNCIA –
CEFFAS- E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DO
MEIO RURAL**

Dissertação de Mestrado apresentado como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Campus de Frederico Westphalen.

Orientador (a): Prof^a Dr^a Luci Mary Duso Pacheco

Frederico Westphalen, abril de 2014.

IDENTIFICAÇÃO

1 Instituição de Ensino/Unidade

URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Campus de Frederico Westphalen

Rua Assis Brasil, 709 – Bairro Itapagé – 98400-000 – Frederico Westphalen – RS

2 Direção do Campus

Diretor Geral: Prof. César Luis Pinheiro

Diretor Administrativo: Prof. Nestor Henrique de Cesaro

Diretora Acadêmica: Prof^a. Silvia Regina Canan

3 Departamento/Curso

Chefe Departamento de Ciências Humanas –Prof^a Dr^a Edite Maria Sudbrack

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação/Mestrado em Educação –: Prof^a: Dr^a Edite Maria Sudbrack

4 Disciplina

Pesquisa em Educação I

5 Orientadora:

Prof^a Dr^a Luci Mary Duso Pacheco

6 Orientando:

Cleber Renato Zortea

7 Temática

O papel dos Centros Familiares de Formação por Alternância – CEFFAS- e da Pedagogia da Alternância no desenvolvimento do meio rural

RESUMO

A presente pesquisa cujo tema é “O papel dos Centros Familiares de Formação por Alternância – CEFFAS- e da Pedagogia da Alternância no desenvolvimento do meio rural”, objetiva analisar qual é o impacto dos CEFFAs no desenvolvimento sustentável do meio rural e que influência tem a Pedagogia da Alternância sobre esse sistema de ensino. Para tanto, utilizou-se da pesquisa qualitativa, tendo como enfoque a abordagem filosófica hermenêutica. Por se tratar de uma aproximação empírica com o objeto pesquisado, esta foi uma pesquisa descritiva envolvendo o uso da técnica de entrevista para coleta de dados e a pesquisa bibliográfica para a construção teórica sobre o tema em questão. Os CEFFAs foram criados, no Brasil, no final dos anos 60, na região do sudeste brasileiro, com a denominação de Escolas Família Agrícola. Posteriormente, nos anos 80, na região do nordeste brasileiro, foram criadas as Casas Familiares Rurais. Atualmente existe mais de 250 experiências educativas no território nacional. Esse estudo tomou como referência a experiência educativa da Casa Familiar Rural de Frederico Westphalen. Os CEFFAs têm na Pedagogia da Alternância o princípio fundamental e norteador de seu projeto educativo. Silva (2003) defende que tal princípio implica em um processo de formação do jovem agricultor que combina e articula períodos de vivência no meio escolar e no meio familiar. Alterna-se, assim, a formação agrícola na propriedade com a formação teórica geral na escola que, além das disciplinas básicas, engloba uma preparação para a vida associativa e comunitária. Ficou claro com a pesquisa que a CFR tem um lugar especial na formação dos jovens agricultores da região compartilhando com os mesmos conhecimento e suporte técnico necessários a uma formação cidadã, mobilizada, atuante e idealizadora de novos rumos para a produção agrícola voltada para a sustentabilidade no meio rural. Dessa forma, os sistemas CEFFAs aparecem como uma alternativa viável para o desenvolvimento rural, porque visam justamente contribuir para o desenvolvimento sustentável, através do trabalho das associações das escolas, em projetos coletivos, que viabilizem o desenvolvimento da instituição, dos alunos, da comunidade e dos pequenos produtores. Eles podem contribuir para o desenvolvimento do campo na formação teórica e prática dos educandos, respeitando a sua cultura e seu meio, de forma que eles tenham conhecimentos técnicos e filosóficos que os favoreçam desenvolver a comunidade, bem como a si mesmos.

Palavras chave: Pedagogia da Alternância; Centros Familiares de Formação por Alternância e Desenvolvimento Sustentável.

ABSTRACT

The present research has a subject "The impact from families' Centers of Alternation Formation - CEFFAS - and the Alternation Pedagogy on the sustainable development of rural areas", whose objectives to analyse what's the duty of CEFFAs on the sustainable development of rural areas and which influence that the Alternation Pedagogy has about this system of teaching. For this it was used qualitative research, focusing in a philosophical hermeneutic approach. Because it is an empirical approach with the researched object, this was a descriptive research involving the use of interview technique to data collect and the bibliography research to the theoretical construction about the subject in case. The CEFFAs were created in Brazil, in the end of 60s, in the southeastern Brazilian region, called of Agricultural family schools. After that, in the 80s, in the Brazilian Northeast, were created the rural families homes. Nowadays, there is more than 250 educative experiences, nationwide. This study has taken as a reference the educative experiences from rural families homes of Frederico Westphalen. The CEFFAs have in the Alternation Pedagogy the fundamental principle and guiding of its educative project. Silva (2003) argues that this principle implies in a formation's process of young farmer that combines and articulates periods of experiences in the school and family environment. So, it alternates, the rural formation with general theoretical formation in the school that, beyond of the basic disciplines, includes a preparation for a associative and community life. With the research it was clear that the CRF has a special place in the young farmers formation of region sharing with them a necessary knowledge and technical support for a civic education, mobilized, active and created of new directions for a agricultural production aimed for sustainability in the rural environment. This way, the systems CEFFAs appear as a viable alternative for the rural development, because it aims to contribute to sustainable development, through the associations schools work, in collective projects that makes possible the development of the institution, the students, the community and of small farmers. They can contribute for the development of the field, because they act in the theoretical and practice formation of the students, respecting their culture and their environment, in order that they have theoretical, practical and philosophical knowledge that helps them to develop the community, as well as themselves.

Key Words: Alternation Pedagogy, Sustainable Development, Families Centers of Alternation Formation

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	6
2 OS CEFFAS E A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA	9
2.1 A dinâmica dos CEFFAs como instituição educativa: os quatro pilares da Pedagogia da Alternância	14
2.2 Os Instrumentos da Pedagogia da Alternância	24
2.3 A CFR e a pedagogia da alternância: histórico da primeira Maison Familiale.....	27
2.4 Casa Familiar Rural de Frederico Westphalen: o ensino alternante	30
2.4.1 CFR em Frederico Westphalen	35
2.5 Pedagogia da Alternância e a Legislação	36
3 O PAPEL DO ENSINO ALTERNANTE NA FORMAÇÃO DO PENSAMENTO SUSTENTÁVEL DO MEIO RURAL	41
3.1 A Sustentabilidade e Agroecologia dentro do processo de formação da Alternância	46
4 CONCEPÇÕES E CAMINHOS METODOLÓGICOS	49
5 ANÁLISE DOS DADOS: UMA REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DA ALTERNÂNCIA NO MEIO RURAL.....	52
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
7 REFERENCIAS.....	73
8 APÊNDICES.....	78

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A pesquisa em pauta abordará sobre o papel dos CEFFAS (Centros Familiares de Formação por Alternância) e da Pedagogia da Alternância como proposta pedagógica no que tange o desenvolvimento do meio rural.

A Pedagogia da Alternância é concebida como uma proposta pedagógica diferenciada para o meio rural, e, ainda pouco conhecida no Brasil, tendo em vista a escolarização de jovens que residem na neste espaço. Foi criada e pensada em decorrência da observação de agricultores franceses, que diante da rejeição e desmotivação de seus filhos, buscaram alternativa de ensino diferenciada daquela desenvolvida pelo meio urbano.

A consolidação de um ensino diferente, que proporcionasse ao jovem do campo, ao mesmo tempo, a aprendizagem necessária ao seu desenvolvimento humano, social, cognitivo e sua permanência neste local para o trabalho com a família concretizou-se com a criação da primeira Maison Familiale Rurale (MFR) na França, por volta da década de 30.

A partir desta preconização, será abordado no primeiro capítulo acerca dos CEFFAS e sua forma de ensino, apresentando e explicitando a trajetória e o desenvolvimento da Casa Familiar Rural (CFR) Santo Isidoro, de Frederico Westphalen, a qual é objeto de estudos no presente trabalho.

O capítulo dois trará a CFR e a Pedagogia da Alternância: histórico da primeira Mansion Familiale. Segundo Florent (2003), as Casas Familiares não surgiram por acaso, ou pelo setor público. Assim como em muitas organizações populares marcaram sua história e tempo, a Casa Familiar também teve seus indicadores, promotores e artesãos, o mesmo ainda comenta que tendo como protagonistas lavradores, Padres, cidadãos e membros da sociedade. Algumas vezes com ponto de vista individual diferentes, mas ao mesmo tempo partilhando do mesmo ideal, homens preocupados com a situação e o futuro do meio rural.

No título seguinte abordar-se-á sobre a expansão das Mansion Familiares trazendo também para diálogo a participação das famílias, comunidade, jovens em geral e a articulação entre o espaço-tempo de aprendizagem.

A Pedagogia da Alternância atribui grande importância à articulação entre momentos de atividade no meio socioprofissional do jovem e momentos de atividade escolar propriamente dita, nos quais se focaliza o conhecimento acumulado, considerando sempre as experiências concretas dos educandos. Por isso, além das disciplinas escolares básicas, a educação nesse contexto engloba temáticas relativas à vida associativa e comunitária, ao meio ambiente e à formação integral nos meios profissional, social, político e econômico (GIMONET, 1999; ESTEVAM, 2003; SILVA, 2005; BEGNAMI, 2006).

A opção pelo modelo educacional da Pedagogia da Alternância, utilizado nas Casas Familiares Rurais, foi em função da região composta, quase que exclusivamente, por agricultores familiares, no qual o método da alternância possibilita uma maior contribuição, para a qualificação dos profissionais do meio rural, sem que esses precisem se ausentar de suas propriedades por longo período. Em 1998, iniciaram-se os primeiros debates acerca da necessidade de criação de um Centro de Qualificação voltado ao desenvolvimento agropecuário. Desde então passou a ser uma discussão centrada no Conselho Regional - CODEMAU e a URI/FW, que realizou o trabalho de divulgação e debates nas comunidades e municípios da região.

Buscou-se trazer a importância de refletir o CEFFA como Instituição Educativa, uma vez que a associação/famílias tem outras funções além das questões financeiras e burocráticas, a responsabilidade educativa, já que os jovens passam duas semanas em casa e uma semana no CEFFA. A família tem a responsabilidade educativa natural interligada com o trabalho dos monitores.

Podemos dizer que a característica do CEFFA é a alternância, sendo que o jovem passa duas semanas no meio profissional (geralmente no empreendimento familiar) e uma semana no CEFFA expondo o que conhece, buscando novos conhecimentos, novas práticas, refletindo e construindo novos conhecimentos.

A presente pesquisa tem caráter qualitativo, sendo que apresenta um estudo exploratório, descritivo e envolve técnicas de coleta de dados, com análise de dados secundários, estudos de caso, entrevistas individuais, entre outros. O trabalho objetivou analisar o papel dos CEFFAS no desenvolvimento sustentável do meio rural, observando a influência que a Pedagogia da Alternância tem sobre esse sistema de ensino.

A pesquisa tem como problema de pesquisa a investigação do papel dos CEFAS (Centros Familiares de Formação por Alternância) e da Pedagogia da Alternância no desenvolvimento do meio rural. Para tanto, iniciar-se-á pela Pedagogia da Alternância, na França, e após, no Brasil, quando esta presente em dois momentos nas EFAs, Escolas Famílias Agrícolas e então nas CFRS, Casas Familiares Rurais.

2 OS CEFFAS E A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

O ato de cidadania, do ser crítico e social é favorável às condições de vivência humana. Ao fazer-se sujeito histórico social, o homem se permite agir com mais autonomia e sabedoria, efetuando seu trabalho de forma digna e conservando o valor destinado a ele. Como sujeito de sua história, não é mais permitida a sua imposição de posturas e normas, ao transformar-se em sujeito, traz consigo conhecimentos intrínsecos que são reconstruídos e preservados a cada experiência. Compreender a educação é adentrar em sua realidade, seja ela urbana ou rural. Ao colocá-la à disposição dessa realidade é que vai se fazer significativa para seus indivíduos promovendo de forma consciente a mente cidadã e o seu exercício. (FREIRE, 2000)

O ensino voltado a tais precedentes não se baseia em um processo unilateral, cujos detentores de conhecimento transmitem-no a quem não o detém, essa concepção seria muito simplória e incorreta para aludirmos à educação – ainda mais no que tange o ensino rural. Educação que se volte à realidade do educando torna-o capacitado para construir e reconstruir os caminhos e descaminhos de seu saber em prol da melhor vivência social. (FREIRE, 1997).

Como propulsora da democracia e do exercício cidadão a educação se faz no individual e no coletivo, na vivência e na convivência, pela cultura e pelo trabalho, que, aliado à educação faz emergir não somente a necessidade, mas evidencia o valor em tal ofício. Como foco de atenção, o trabalho do camponês revela-se imprescindível à sua sobrevivência e aos que dependem deste, entretanto, não se reduz a tal, pois como dito, expressa em seu fazer a sua história, sua cultura e seu modo de vida, uma atividade de valor humano.

[...] o “saber” adquirido pelo homem do campo em relação ao trabalho, é realizado cotidianamente, no plantio, na criação de animais e demais atividades próprias do sistema produtivo rural. Saber e trabalho alinham-se em um sentimento único de sobrevivência material e dos valores rurais [...] o trabalho é um dos processos mais dinâmicos através do qual o conhecimento é difundido, proporcionando meios para que as crianças, através das experiências tradicionalmente comunicadas, recebam informações a respeito dos fenômenos da natureza, do cotidiano da vida

social etc. [...] além das técnicas de trabalho propriamente dito (Calazans apud Leite, 2002)

Mediante o exposto, em se tratando da Educação do espaço rural é nula a possibilidade de trilhar caminhos sob uma adaptação já prescrita por ditames urbanos (PASSADOR, 2006) apagando de todo o sentido do ser rural, da valorização de suas práticas, da maneira que faculta seu trabalho e dos conhecimentos que detém. É neste sentido, que a Pedagogia da Alternância enquanto prática educativa voltada ao meio rural busca a construção do conhecimento “partindo da realidade do jovem, desenvolvendo tecnologias para que ele possa desenvolver a sua unidade de produção familiar, sendo que o processo de ensino prima por aliar a teoria e a prática do jovem em sua propriedade, valorizando o conhecimento prévio existente naquele local” (ZONTA et. al, 2010 p. 51) agregando então, valor ao seu trabalho e oferecendo a possibilidade de desenvolvimento econômico de sua propriedade.

Como uma proposta educacional concebida intencionalmente, a Pedagogia da Alternância, busca promover a formação integral¹ do jovem que reside no meio rural, levando-o a compreender o lugar onde vive e oferecendo-lhe condições de permanência em tal. Esta pedagogia adentrou a educação, propondo uma mudança de metodologia para com o ensino rural, modificando os olhares à formação propiciada ao sujeito do campo, constituindo-se de uma modalidade de ensino que repercutiu na vida do sujeito do campo de forma à possibilitar-lhe escolhas de vida.

Por não ser um modelo educacional urbano adaptado ao espaço rural, diferencia-se sendo uma forma de redução de alguns problemas educacionais, como a transmissão e reprodução de conceitos, a fragmentação de conteúdos e a utilização permanente do livro didático, ademais, o processo de ensino aprendizagem é preconizado a partir das experiências e necessidades dos jovens, atribuindo assim significância aos conhecimentos construídos (PACHECO, 2011).

Esta prática educativa emergiu na primeira metade do século XX, caracterizando-se como uma proposta alternativa de ensino e de forte resistência cultural frente a hegemonias neoliberais presentes na educação (NASCIMENTO, 2003), da mesma forma que hodiernamente representa uma possibilidade de compreensão e

¹ De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Casa Familiar Rural Santo Isidoro, compreende-se por formação integral, a formação humana, política, social e educacional do jovem que reside no meio rural, promovendo também seu desenvolvimento em âmbito tecnológico, econômico e sociocultural, atingindo indiretamente sua família, comunidade e/ou espaço de inserção.

valorização das produções e vivências de quem reside no espaço rural, bem como, da valorização do trabalho e da dignidade através das melhores condições de vida oferecidas.

A busca pela compreensão deste espaço, o rural, envolve o conhecimento das pessoas que vivem nele, perpassando pela sua forma de vida, seu trabalho e seus costumes. Daí a necessidade e relevância que a Pedagogia da Alternância tem no que tange aos jovens rurais: que seja uma educação que tenha sentido e significado real na busca da solução de problemas enfrentados pelo trabalhador, sendo ao mesmo tempo um norte para a qualidade de vida, pois, a educação desempenha um papel fundamental na formação dos sujeitos, se a mesma for útil e aplicável ao cotidiano por eles enfrentado. (PACHECO, 2011).

A agricultura familiar constitui-se hodiernamente a principal atividade desenvolvida pelas famílias do Norte do estado do Rio Grande do Sul, pois, na região, além das pequenas indústrias e da atividade comercial, não existem latifúndios. Deste modo, a agricultura familiar merece destaque tanto no setor econômico quanto social, tal prática identifica uma forma de vida que agrega valores e uma cultura que difere-se da urbana, e que é pertencente ao trabalhador rural.

Educação que vise uma transformação social, de modo a proporcionar a ascensão humana através da compreensão do desenvolvimento cognitivo-intelectual é necessariamente indissociável daquilo que faz parte da realidade dos sujeitos à que tal educação se propõe. Ao tratar da vida dos jovens envolvidos no ensino pedagógico alternante, parte-se das suas experiências de vida para que se construa uma formação integral.

É importante salientar, que a Pedagogia da Alternância institui um relacionamento entre o meio em que vive o jovem (família-comunidade-escola), assim, por não constituírem instâncias antagônicas e excludentes, família e escola reinterpretam-se mutuamente na diversidade do conjunto das circunstâncias envolvidas, consolidando este, um espaço pleiteado por uma educação comprometida com a sua realidade de inserção, facilitando o momento da fertilidade da transformação e não da reprodução.

A compreensão de uma educação sem discernimento rural ou urbano, mas como sustentáculo de uma ação transformadora direciona os argumentos para uma prática educacional que encontra na multiculturalidade a diversidade da qual se faz consistente, inserida é claro, em sua realidade. Assim, diz-nos Paulo Freire quanto a

uma educação que gere na pessoa um debate conscientizado de sua realidade, propiciando a criticidade necessária para alertá-la se preciso “[...] só podíamos compreender uma educação que fizesse o homem um ser cada vez mais consciente de sua transitividade, que deve ser usada tanto quanto possível criticamente, ou com acento cada vez mais de racionalidade” (Freire, 1981 p.90). O ato de transformar-se e de transformar sua realidade é tarefa principal do sujeito, sendo que, essa confrontação tem sua gênese em um espaço que lhe proporcione momentos de reflexão e conscientização de seu papel neste movimento de transformações.

A escola voltada para a realidade do educando, torna-se cúmplice do seu pleno desenvolvimento, levando-os a serem sujeitos autônomos, críticos, criativos e comprometidos com a democracia e justiça social, conscientes para perceber como diferentes vozes podem ser constituídas em meio a relações sociais e capacitados para acolher e criticar seus significados, suas histórias e suas experiências.

Transformar os alunos (as) em agentes questionadores sobre como o conhecimento é produzido e distribuído, utilizando para isso o diálogo e procurando tornar o conhecimento significativo, crítico e emancipatório, tem se mostrado a tônica de uma educação comprometida com a transformação do mundo rural.

Essa “ação transformadora” encontra nos ideais da modernidade² que vinculam memória, ação humana e razão na criação de uma sociedade mais justa, as justificativas para ser conservada e defendida. Se assim se constituir, a educação rural pode ser parte importante das estratégias de desenvolvimento rural. Mas, para isso, necessita conceber um desenho educacional contextualizado, que trabalhe a produção do conhecimento desde questões relevantes para a intervenção social nessa realidade até os aspectos mais simples do cotidiano dos alunos (as). Sua ação capacita os envolvidos a analisar seus distintos interesses e contradições na sociedade, articulando-se e desenvolvendo possibilidades emancipatórias em espaços específicos, procura privilegiar o aluno (a) “como entidade coletiva, (...) na qualidade de sujeito deste processo de recriação da educação, como meio para assegurar a recriação da cultura mediante a apropriação do saber científico (...) e a

² De acordo com Caliari (2011) estes ideais apresentam-se através do compromisso com a solidariedade, a eliminação da exclusão social, do poder e do conhecimento, compromisso com o desenvolvimento, com a sustentabilidade, compromisso com a democracia, pautando-se no princípio da participação ativa popular e com o compromisso das políticas públicas.

reelaboração deste em função dos seus interesses (...), tendo como alicerce o seu saber social” (Damasceno, 1993 p. 72).

Na Pedagogia da Alternância, o saber prático obtido junto à família, na execução das tarefas e a teoria, obtida na escola durante a troca de experiências e absorção dos conteúdos ensinados se fundem, transformando então, as vivências do alternante. Desta forma, podem auxiliar a aprofundar a compreensão do que ocorre no dia-a-dia, na família e escola, e onde o conhecimento emerge, se amplia e se consolida, facilitando ao jovem alternar e valorizar aquilo que ele faz e sabe. É na vinculação do conhecimento escolar com a ambiência familiar que o jovem reflete sobre seu meio e elabora seus marcos de referência.

Ao tratarmos da alternância, faz-se relevante resgatar sua preconização europeia. Arraigada na França – surgiu no período entre guerras em meados da década de 30, quando os países assolados pelas disputas territoriais e de poderio econômico estavam reconstruindo-se, a educação de igual forma também sofreu consequências. (GIMONET, 2007).

Os agricultores reconheciam a importância do saber oferecido pela escola para a formação do agricultor, por isso buscavam uma alternativa que ao mesmo tempo que oferecesse uma educação que contemplasse as necessidades reais do meio rural pudesse auxiliar na permanência do jovem junto à família.

O resultado desta busca foi uma formação prática realizada nas propriedades rurais e uma formação teórica no espaço de ensino formal, tendo por base a alternância de tempos e espaços. Esta que, foi iniciada em 1935, por uma associação de famílias agricultoras e que constitui no presente uma das principais características das *Maisons Familiales Rurales* (Casa Familiar Rural) (GIMONET, 2007)

Foi neste contexto que surgiu o movimento dos CEFFAS no mundo. Em nosso país chegou anos mais tarde, por volta de década de 60, sendo que em 80 foi criada a UNEFAB (União das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil). Desta forma, a rede dos CEFFAS organiza-se em três associações, UNEFAB, ARCAFAR SUL e ARCAFAR NORTENORDESTE, as quais congregam as Casas Familiares Rurais, Escolas Família Agrícola e Escolas Comunitárias Rurais, as quais adotam a metodologia da Pedagogia da Alternância. (Ministério da Educação. Coordenação Geral de Políticas de Educação do Campo, 2013).

2.1 A dinâmica dos CEFFAs como instituição educativa: os quatro pilares da Pedagogia da Alternância

O movimento iniciado na França hodiernamente é mais consistente, acrescentando além da ideia original, um aparato de instrumentos pedagógicos e organizacionais imprescindíveis para a sua concretização, favorecendo a aprendizagem multifuncional, a relação homem-natureza, o desenvolvimento de práticas agrícolas que sejam efetivas nas propriedades e a vivência teórico-prática que o adolescente irá adquirir durante essa aprendizagem.

A Pedagogia da Alternância elaborou-se não através de teorias, mas, antes, pela invenção e implementação de um instrumental pedagógico que traduzia, nos seus atos, o sentido e os procedimentos da formação. [...] prevaleceu à ação, a experiência, o sucesso [...] Uma teorização, não para si mesma, mas como processo de compreensão, ao mesmo tempo para nutrir a experiência, a ação, o terreno, dar-lhes sentido. Desse jeito, para situar-se no horizonte educativo, não estar só e isolado, mas em relação com os outros e, às vezes, para municiar-se de argumentos a fim de defender-se dos donos do tradicionalismo ou dos poderes administrativos.(GIMONET, 2007 p. 23)

Ao ser traduzida principalmente através dos processos experienciais vividos por seus sujeitos, à alternância subsidia uma prática de sentido para os seus sujeitos, tanto no que diz respeito ao aprendizado humano, quanto ao sócio profissional, envolvendo todos os integrantes deste processo, desde os jovens e adolescentes à comunidade em que se encontram inseridos.

Constituindo um modo específico para formar e educar as pessoas que vivem no meio rural, destacam-se, nas Casas Familiares Rurais, quatro princípios definidos a partir de pilares, os quais, segundo Gimonet (2007), dão base para o projeto de formação proposto.

Na figura abaixo a delimitação dos pilares da Alternância.



FIGURA 01: PILARES DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA
 Fonte: Calvó (2005,p 29). In: Revista Formação por Alternância

É importante compreender que a inter-relação estabelecida entre os pilares torna-se fundamental para o desenvolvimento da proposta alternante. Um pilar está ligado ao outro tendo o jovem como centro de todo o processo. Organizados em finalidade e meios, os pilares, fundamentam o ensino pedagógico alternante permeando a formação integral do jovem rural (BEGNAMI e MOREIRA, 1996).

- Primeiro pilar – Associação local

Fazem parte da associação do CEFFA as famílias que possuem filhos (as) envolvidos (as) no ensino alternante, bem como as famílias interessadas e entidades em geral como sócios unidos por objetivos em comum através da Pedagogia da Alternância.

A associação possui estatuto próprio, assumindo a responsabilidade do CEFFA no que se refere aos aspectos morais, administrativos e financeiros. Além de exercer um papel importantíssimo nas decisões gerais, também desempenha um papel fundamental de animação e avaliação. O grupo opina permanentemente sobre a formação dos jovens, o conteúdo dos planos de estudos, a condução da alternância, a relação do CEFFA com os pais e a comunidade e o futuro da profissionalização dos jovens. Além de a associação participar ativamente do processo de formação, também auxilia na organização interna do CEFFA, envolvendo a participação dos monitores, dos jovens e da governanta (BEGNAMI, 2005).

Para a existência de um CEFFA é fundamental a base associativa envolvendo

sujeitos que amparem sua estrutura moral, jurídica, econômica e administrativa (BEGNAMINI, 2006). É na associação que o exercício participativo das famílias envolvidas com a Pedagogia da Alternância adquire mais subsistência, pois, deve constituir-se de um espaço democrático, aberto à debates, sugestões que visem o desenvolvimento local, dos jovens, da prática da agricultura, do relacionamento humano, da cultura e do desenvolvimento em bases sustentáveis. “Os/as que assumem cargos precisam desenvolver suas competências no exercício de suas responsabilidades. Nenhuma função improvisa-se na vida. Não existe CEFFA sem a responsabilidade efetiva das famílias”. (BEGNAMI, 2006 p.28).

Duffaure (1993) traz que em 1953 as famílias participavam com 83% na totalidade de recursos para a manutenção dos CEFFAS, já em 1975-1976, essa participação era representada por 41,2% e o estado representava apenas 27,6%. Ademais, além as questões financeiras, a família também possui a responsabilidade educativa, visto que, os jovens passam duas semanas em casa e uma semana no CEFFA. É na família que o jovem pode fazer a descoberta de seu empreendimento profissional com o auxílio dos pais, estes que devem orientá-lo, guiá-lo no seu crescimento e do meio em que vivem (GNOATO, 2006).

Ao tratar da *Associação* no âmbito familiar, é importante destacar que a instituição familiar caracteriza-se como um espaço de aprendizagem informal, onde acontecem os processos naturais e espontâneos. Essa informalidade está presente nos locais distintos e na intencionalidade dos sujeitos de criarem ou buscarem determinadas qualidades e/ou objetivos; então o grupo familiar é a primeira instância a qual se recorre e se obtém essa aprendizagem.

A criança, o adolescente ou o adulto, dentro de uma estrutura de formação, não está só. Vive num contexto familiar, social, ambiental, cultural, profissional... Todos os elementos desse contexto são espaços essenciais para a construção de sua identidade, de suas aprendizagens, de seu desenvolvimento. Cada um sabe que as aprendizagens mais essenciais são aquelas da infância, desde o nascimento e mesmo antes, através de todas as impregnações do meio e da cultura ambiente. Cada “educando” pertence a uma cultura com sua linguagem, suas tradições, seus costumes, seus modos de pensar e de ser... A escola, a atividade pedagógica, não escapa desta pertença. Quando não é considerada surge como um corte entre a vida e a escola, e cria-se uma distância entre elas do ponto de vista cultural, com todas as consequências conhecidas como o fracasso escolar e confusão que traz. (GIMONET, 2007 p. 105)

A experiência concreta do aluno, o conhecimento empírico e a troca de conhecimento com atores do sistema tradicional de educação, e também, com membros da família e da comunidade na qual ele vive é que podem fornecer-lhe ensinamentos sobre a sua realidade. Assim é baseada a alternância, na construção constante do jovem pelas suas interações com o meio, as relações de ruptura, especificadas, saberes, tornam essas fronteiras, um “entre – dois” receptivo e condizente a novas perspectivas da formação educativa. É como um lugar de passagem e transição entre dois lugares; torna-se um espaço de crescimento de experimentações.

As famílias também participam do planejamento organizado pelos monitores, podem opinar, colaborar e adaptar em relação àquilo que encaixa-se nas necessidades do seu dia-a-dia, aos estágios fora da família, estudos realizados na propriedade e também avaliações. Além de a associação educar seus membros, ela supõe o meio de expressão destes e a maneira de assumir o futuro dos filhos e da região.

Nesse sentido, tanto as famílias, quanto os demais componentes de uma associação tem um compromisso real para com o bom desenvolvimento do CEFFA. Assumir um cargo e participar efetivamente, não corresponde à um papel de obrigação, mas de responsabilidade social junto à uma proposta de melhoria educacional.

- Segundo pilar – Pedagogia da Alternância

Nesta proposta educacional, o centro do projeto é o jovem/adolescente inserido numa realidade concreta e o conhecimento é construído a partir das análises e verificações que são preconizadas no cotidiano e nas experiências desses sujeitos.

Segundo Gimonet (2007, p.45)

Praticar quer dizer a ação, a experiência que temos das coisas, compreender significa a explicação, a teorização, a conceitualização e a abstração que se pode extrair da prática ou que pode resultar dela. A Pedagogia da Alternância nos Centros Familiares de Formação por Alternância dá prioridade a experiência familiar, social, profissional, ao mesmo tempo como fonte de conhecimentos, ponto de partida e de chegada do processo de aprendizagem, e como caminho educativo.

A Pedagogia da Alternância compreende, então, um processo formativo contínuo entre dois espaços, interagindo educadores e educandos, escola e família, teoria e prática, estudo e trabalho, o pessoal e o coletivo, os saberes experienciais e os saberes científicos, os saberes pedagógicos com os saberes disciplinares. De forma que a experiência, o contexto do aluno, seja tratado com prioridade, tornando-se ponto de partida e chegada, no processo ensino-aprendizagem. (BEGNAMI, 2003).

A articulação dos tempos e espaços de aprendizagem traduzem uma forma de desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem baseada nas estruturas de conhecimento do jovem e de sua vivência, utilizando aspectos reais que envolvem sua propriedade, família, comunidade, monitores, colegas e entidades, de forma à viabilizar relações entre o ensino escolar e situações vividas nas suas atividades diárias.

Neste compasso de ensino, o jovem se traduz como construtor de sua caminhada. De acordo com Begnami (1998) a alternância é uma pedagogia de adultos porque um alternante não é um aluno na escola, mas um ator no meio socioprofissional que entra em formação permanente. Nesta perspectiva, o sucesso de uma educação alternada está no nível de compromisso assumido pelos/as educandos/as em que eles assumem a sua própria formação, diminuindo a hegemonia da hetero-formação (formação centrada na figura do professor), tão presente nos sistemas tradicionais de ensino.

A Pedagogia da Alternância também caracteriza-se pela constante mediação de espaço–tempos para a aprendizagem, alternando a formação do jovem entre momentos no ambiente escolar e momentos no ambiente familiar/comunitário. A proposta é desenvolver um processo de (Panfleto ACFRSI – FW, 2006) “ensino-aprendizagem contínuo em que o aluno percorre o trajeto propriedade - escola – propriedade”, guiado pelo observar - refletir - experimentar:

- *Observar*: em um primeiro momento, na propriedade, o aluno se volta para a observação, pesquisa e descrição da realidade sócio-profissional do contexto no qual se encontra.

- *Refletir*: em um segundo momento, o aluno vai ao CEFFAs, onde socializa, analisa, reflete, sistematiza, conceitua e interpreta os conteúdos identificados na etapa anterior.

- *Experimentar*: finalmente, num terceiro momento, o aluno volta para a

propriedade, dessa vez com os conteúdos trabalhados de forma que possa aplicar experimentar e transformar a realidade sócio-profissional, de modo que novos conteúdos surjam, e novas questões sejam colocadas, podendo ser novamente trabalhadas no contexto escolar.

A figura abaixo organiza esses três momentos dinâmicos da Pedagogia da Alternância:

Momentos Integrados da Alternância

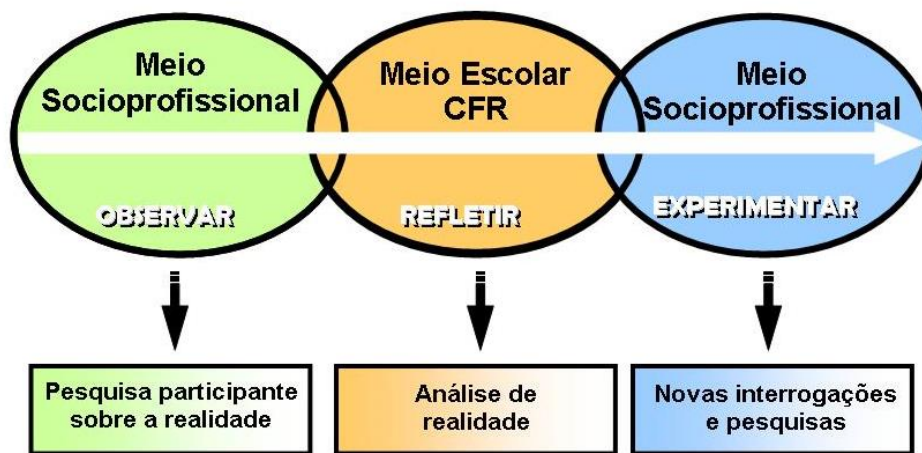


FIGURA 02: ESQUEMA DOS ESPAÇOS INTEGRADOS DA ALTERNÂNCIA
 FONTE: UNEFAB – folder de divulgação metodologia dos CEFFAS (2005)

A cada nova “sessão”, ou encontro semanal, o aluno é “realimentado” com soluções que permitirão o surgimento de novos questionamentos. A cada nova interrogação, suas inflexões e imagens do real são modificadas. Modifica-se também o entendimento do que constitui a explicação, a razão do que se buscava e como ela se relaciona com o que se vive.

Esse ir e vir sucessivo na elaboração do conhecimento torna a família, a comunidade, os monitores e jovens cúmplices e participantes ativos desta prática educativa. Como salienta Gimonet (2007 p. 17) quando manifesta “[...] que sejam os alternantes, os pais, os mestres de estágio, os monitores, e outros agentes educativos do CEFFA, cada um tem um papel específico a desempenhar. [...]”, e juntos mobilizam tal ação pedagógica.

- Terceiro pilar – Formação integral

A formação integral envolve todos os aspectos que podem ser desenvolvidos no sujeito, “compreende a formação do ser como um todo, levando em consideração

todas as dimensões da pessoa: a dimensão individual e social, afetiva/emocional e intelectual, profissional, lúdica, psicológica, ética, ecológica, espiritual, esportiva, econômica e política” (BEGNAMI, 2006 p. 44).

Os instrumentos da Pedagogia da Alternância proporcionam que estes aspectos do ser humano sejam desenvolvidos com eficiência, pois, permitem as inter-relações entre os conteúdos didáticos, entre a diversidade cultural, e o conhecimento do próprio sujeito enquanto ser individual e também inserido num grupo social, comungando também os conhecimentos familiares, aqueles que foram passados através das gerações e possuem por este fim um valor histórico.

A formação integral permite ao jovem não somente o seu desenvolvimento socioprofissional, como também o desenvolvimento da sua personalidade fornecendo subsídios para que seu projeto profissional possa ser construído. A figura abaixo remete aos diferentes elementos que estão presentes nesta formação do jovem alternante e constituem um aparato complexo de seu desenvolvimento enquanto sujeito.

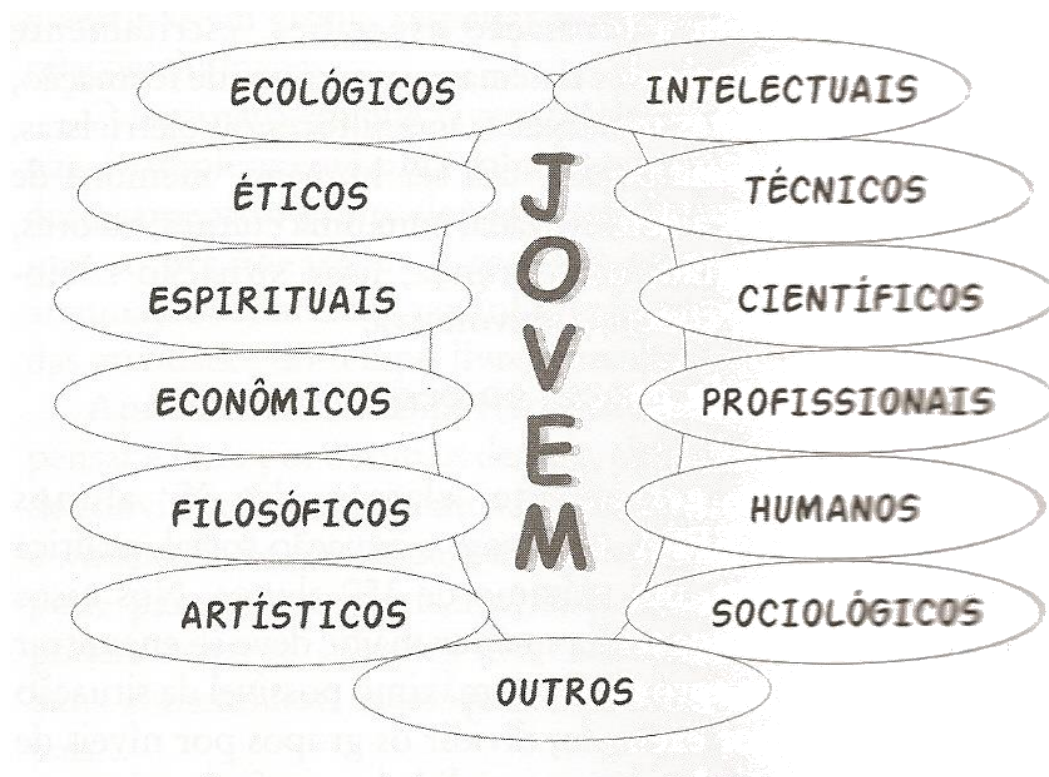


FIGURA 15: elementos que se relacionam na formação integral do jovem na CFR
 FONTE: Calvo (1999, pg. 23)

- Quarto pilar – Desenvolvimento do meio

A associação possibilita o desenvolvimento da proposta pedagógica da alternância cujo objetivo traduz-se na melhoria de vida das pessoas e do meio em que vivem. Da mesma forma que

Além de cuidar da formação dos jovens, a CFR busca conscientizar as famílias dos aprendizes de modo que sejam condutores das mudanças propostas. Dessa forma, a escola passa a ser, além de um espaço de formação, a extensão da cultura popular que proporciona o desenvolvimento integral do educando por meio de uma práxis que garanta a sustentabilidade. (DIAS, apud PACHECO, p. 132, 2006).

Ao considerar o jovem como principal construtor de seu desenvolvimento, a alternância coloca-o no meio social como indivíduo autônomo, capacitando-o para as decisões em grupo e individuais, além deste espaço de formação o jovem aprende também a construir uma consciência de ações sustentáveis. Ao elaborar seu Projeto de Vida Profissional ele também experimenta essa perspectiva ao subsidiar um trabalho que envolve a potencialidade de sua propriedade e do lugar onde se encontra participante ativo, isto é, sua comunidade.

Toda alternância reside naquilo que coloca o alternante em jogos de Complexidade, de passagens, de rupturas e de relações. Ele encontra e vive entidades diferentes, cada uma com suas especificidades, seus saberes, seu saber-fazer seu saber-ser, sua linguagem, sua cultura, seus atores, seus jogos de influência nos quais o “eu”, numa dialética de personalização e socialização deve situar-se e crescer. (GIMONET, 2007 p. 67)

Essa Pedagogia também permite que os envolvidos no processo avancem igualmente, não sendo somente alunos, e professores, mas sim, sujeitos realmente envolvidos com o seu meio e responsáveis pelas modificações, como monitores que fazem mais do que ensinar, que cooperam e juntos formulam novos caminhos. Esse conjunto de aspectos/fatores e a boa relação entre os integrantes é que permitirá um maior envolvimento durante os períodos na escola, na propriedade, nas visitas de estudo, troca de experiências, a consciência do eu e do eu no grupo.

É neste intuito que, os monitores atuam como fundamentais para esse processo de ensino, na efetuação de seus “papeis de ensino, de educação, de acompanhamento, de ajuda variáveis em função das finalidades da instituição e da concepção que cada formador ou educador se faz de sua função”(GIMONET, 2007

p. 105). Para tanto, o monitor necessita de uma formação apropriada, que dê cadência e ofereça possibilidades de trabalhar junto aos adolescentes com responsabilidade e compromisso, ciente da definição de seu espaço e de seus instrumentos de trabalho.

[...] A Pedagogia da Alternância, enquanto pedagogia da complexidade, supõe aceitar o incerto, o imprevisto, o aleatório que surgem da vida e de cada alternante. A desordem decorrente deve ser compensada e regulada através de organização para construir ordem nos conhecimentos (GIMONET, 2007, p. 04).

Na alternância, os instrumentos de trabalho, bem como, os métodos, planejamento, planos de formação, as finalidades e princípios, delimitam e direcionam a situação de ensino. As finalidades e os princípios são adjacentes a esse processo de alternância, fazendo-se deste modo, componentes imprescindíveis na caminhada.

Os princípios da Pedagogia da Alternância estão calcados na necessidade de um ensino diferente, eles apontam o que é primeiro, principal, neste processo pedagógico.

Princípios:

Primazia da experiência sobre o programa: possibilita ao alternante, contato com a teoria e aplicação prática, sempre retomando este módulo e dando margens às análises, reflexões e experimentos sobressalentes.

A articulação dos tempos e dos espaços da formação: oferece por essa mobilidade uma formação contínua e não fragmentada, fazendo com que seja possível relacionar os dois espaços, inter-relacionar as experiências e análises, em âmbitos pessoais ou intelectuais, e, propiciando maior compartilhamento.

Um processo de Alternância num ritmo em três tempos: é regido pela ação – reflexão; iniciando com os saberes familiares e após conceitualizados no CEFFAs, para então serem aplicados no meio, tirando deste, novas observações e análises para novamente serem pensadas. Por isso, o processo transcorre em três tempos: o meio familiar, o CEFFAS e o meio de ação.

O princípio da formação profissional e geral associadas: sugere-se, que deve-se considerar primeiramente a bagagem prática e familiar do aluno, para então atingir a formação integral visada pelos CEFFAs.

O princípio de cooperação, de ação e de autonomia: a teoria desvelada na prática do alternante torna-se suporte para as aprendizagens e saberes compartilhados com os demais.

A associação dos pais e mestres de estágio profissionais como parceiros e co-formadores: nesta prática é essencial a cooperação de todos os envolvidos com a alternância: pais, alternantes, tutores, monitores e responsáveis de empresas; desta junção surgem à possibilidade da diversidade de atividades: intervenção da realidade com o CEFFAs, instrumentos para pesquisa e investigação, planejamento semanal, entre outras.

Devido a esta conotação é que os monitores atuam como fundamentais para esse processo de ensino, na efetuação de seus “papéis de ensino - de educação, de acompanhamento e de ajuda - variáveis em função das finalidades da instituição e da concepção que cada formador ou educador se faz em sua função” (GIMONET, 2007 p.105). Para tanto, o monitor precisa de uma formação apropriada, com um gama de conhecimentos/habilidades e que ofereça possibilidades de trabalhar junto aos adolescentes com responsabilidade e compromisso, ciente da definição de seu espaço e de seus instrumentos de trabalho.

Norteando os processos de ensino dos monitores e o desenvolvimento desta proposta pedagógica em questão, os princípios da Alternância se traduzem a partir da base associativa dos seus sujeitos, da alternância de espaços de aprendizagem e principalmente da experiência do jovem como ponto de partida para uma prática de emancipação humana.

Enquanto projeto educativo sistêmico, a alternância, possui alguns instrumentos didático-pedagógicos que possibilitam a aprendizagem e o crescimento pessoal/profissional e comunitário durante o processo, se, bem articulados e desenvolvidos coerentemente.

Na alternância a aprendizagem em diferentes espaços e tempos (CEFFA-família-comunidade-trabalho) torna a aprendizagem um constante ciclo, cujas experiências vividas são o ponto de partida para a construção de novos conhecimentos e a interlocução com o real.

2.2 Os Instrumentos da Pedagogia da Alternância

Na modalidade de ensino alternante adotado pelas Casas Familiares Rurais é perceptível sua estruturação cuja base constituiu-se pelos quatro pilares anteriormente citados. Junto à eles, os princípios funcionam como norteadores do processo de formação, e é neste processo que sobressaem-se instrumentos da Pedagogia da Alternância, os quais ora sejam organizadores, ora facilitadores do ensino dos jovens, partem inicialmente de uma pesquisa participativa realizada com as famílias e os jovens interessados no ensino da Casa Familiar Rural para poder colher informações e então a partir delas elencar os temas que são mais significativos para serem trabalhados durante o processo educativo.

Desta articulação de pesquisa com as famílias e jovens elabora-se o **Plano de Formação**, neste, são abordados os conteúdos mais relevantes à realidade dos sujeitos participantes da Casa Familiar, buscando encontrar soluções para os problemas existentes na propriedade e na comunidade local. De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Casa Familiar Rural Santo Isidoro de Frederico Westphalen, “o que realmente conta é o que representa o jovem, suas atividades no meio em que com a sua família”. (Projeto Político Pedagógico CFR Santo Isidoro, 2011)

Após esta parte inicial é organizada para cada alternância, um tema gerador, o qual será a base do **Plano de Estudos** a ser desenvolvido no meio familiar.

Para realizar o Plano de Estudos, os jovens reúnem-se na Casa Familiar Rural e elaboram questões relativas ao tema gerador da próxima alternância, essas questões serão levadas à família para que juntos possam respondê-las.

Com o Plano de Estudos é possível que o jovem pesquise, investigue, busque mais sobre a realidade em que está inserido, faça observações e questionamentos sobre a sua prática, e que através destes procure soluções para os problemas reais da sua propriedade e comunidade.

Para Gimonet:

Elaborar o conteúdo do plano de estudo é provocar o intercâmbio no meio do grupo, deixar que as práticas sejam expressas as experiências, os conhecimentos, as interrogações dos alternantes a respeito do tema. É convidá-los a procurar “o porquê e como” das coisas, as circunstâncias das ações e sua razão de ser. É ainda leva-los a avaliarem, a darem seu ponto de vista como atores socioprofissionais. (2007, p.35)

Após o período em que o jovem realiza o Plano de Estudos seguindo a vivência na propriedade, ele retorna a Casa Familiar Rural onde acontece a **Colocação em Comum**.

A Colocação em Comum é um momento em que os alternantes discutem o que puderam vivenciar em sua propriedade, trocam ideias com os monitores e trocam experiências com os colegas. Ela requer uma metodologia da aplicação, cujos procedimentos exigem a interação direta dos monitores através do diálogo, reflexão, exposição das experiências dos alternantes e das constatações.

A colocação em Comum também é vista como uma forma de problematizar o processo de formação, valorizar o Plano de Estudo, atribuindo a ele a devida utilidade.

É através da colocação em comum que se verifica as dúvidas advindas do Plano de Estudo e onde os monitores realizam o atendimento com os jovens a partir das questões pesquisadas.

A formação alternada supõe, para o alternante, passagens e transições de um lugar de vida a outro, de um tipo de experiência a outro, de um campo de conhecimento a outro, do individual ao coletivo do grupo...Para o monitor, essas passagens e estas transições se colocam em termos de acompanhamento, de atitudes e de animação pedagógica. (Gimonet, 2007, p. 43)

É durante a colocação em comum que se articulam três aspectos: o saber escutar, saber perguntar e saber falar. As experiências trocadas durante o tempo compartilhadas no CEFFA auxiliam muito o alternante, as noções, ideias e saberes de cada jovem transformam-se em conhecimentos, permitindo e promovendo a socialização da dialética pessoal e cooperativa.

Para registro de todos os resultados e abordagens da colocação em comum, o jovem utiliza o instrumento denominado **Caderno da Realidade**. Através deste, é possível que o jovem interligue os espaços e tempos em que está na família, na propriedade e na Casa Familiar.

Esse “ir e vir” sucessivo possibilita que os jovens possam dialogar mais com as suas famílias, estreitando os laços do estudo e do trabalho, permitindo que os pais aproximem-se de suas construções e os ajudem a conhecer, assim como levar

novas ideias e formulações para as atividades exercidas pela família, também deixando-a saber as ações desenvolvidas no meio escolar.

É no Caderno da realidade que o jovem registra as suas descobertas, reflexões, análises, estudos realizados durante a alternância, sendo essencial para sua formação.

Preconizado o ensino pelo conhecimento empírico para depois vir ao técnico e ao científico, os educadores trabalham a teoria através nas aulas utilizando o **Caderno Pedagógico**. Estes complementam e auxiliam as explicações e conteúdos desenvolvidos em cada área do conhecimento, possibilitando a ampliação da temática.

Tão importante quanto a participação real dos jovens e suas famílias no processo de ensino alternante, é a participação e envolvimento de pessoas ligadas a agricultura ou que a compreendam não somente como atividade econômica, mas ainda como fonte de divulgação de valores há muito esquecidos, do trabalho em conjunto, da relação de troca, da solidariedade e do cultivo pela terra.

Outro instrumento muito importante na formação são as **visitas de estudos e intervenções externas**. Nas visitas de estudos, os jovens podem ter contato com um ambiente que trabalha com o tema que está sendo estudado na Casa, tendo a oportunidade de conhecer realidades que são exemplo de atividade e que possam vir a auxiliar no processo de sua construção socioprofissional. Esses ambientes podem ser a propriedade dos próprios jovens, de algum morador local ou no ambiente escolar, mas sempre referenciando a temática abordada durante a semana.

Já nas intervenções externas, pessoas de diversas áreas de atuação vem contribuir com seu conhecimento e prática na temática desenvolvida através de palestras, encontros, grupos de estudos ou seminários para os jovens e suas famílias ou comunidade em geral.

De acordo com Gimonet (2007, p.44)

Propor, num planejamento semanal, uma visita de estudos ou uma intervenção é colocar a disposição dos alternantes situações e materiais para encontrar e construir o saber, por sua conta. É torna-los mais atores de sua formação. Mas além das aprendizagens cognitivas, prevalece a sua dimensão educativa.

Dentro deste processo de ensino, as experiências também contam muito no desenvolvimento do jovem, pois através delas é possível comparar e avaliar a caminhada e as construções realizadas sobre a teoria em relação à prática.

Cada um desses instrumentos tem funções significativas no desenvolver do ensino pela alternância e no desenvolvimento do jovem, permitindo aprofundar ainda mais os conhecimentos e experiências vivenciadas na família, na propriedade e na Casa Familiar. Salienta-se, então que, estes instrumentos caracterizam e dão força à Pedagogia da Alternância.

Durante as semanas de alternância entre a Casa Familiar e a propriedade é possibilitado ao jovem diferentes ações por meio dos instrumentos pedagógicos alternantes, estas ações subsidiam os espaços e tempos de formação instruindo e organizando a caminhada de estudos, sempre mediando a realidade e o que é construído.

2.3 A CFR e a pedagogia da alternância: histórico da primeira Maison Familiale

A abertura da primeira Casa Familiar foi oficializada no dia 17 de novembro de 1937, em Lauzun (França), após dois anos de experiência em um povoado vizinho de Sérignac Péboudou. Vários fatores contribuíram para a decisão de fazer um sistema de ensino diferenciado que fosse voltado à realidade local e nacional. No período de 1920 a 1939, a França passava por uma transformação importante, não pela generalização de tratores e colheitadeiras (batedeiras), mas pela mecanização e colheitadeiras (empacotadora), passando também pela crise do leite, do porco, da carne bovina e em outros setores da agricultura. Ocorreu o primeiro ato da organização do mercado do trigo e enfrentava o grande êxodo rural e as grandes concentrações urbanas (FLORENT, 2003).

Muitos agricultores presenciaram este processo de mudança, mas não foram todos que conseguiram acompanhar essa nova forma de organização.

FLORENT (2003) cita que Jean Peyrat, nascido no início do século XX, fazia parte daqueles poucos agricultores que evoluiu e queria que outras famílias evoluíssem também, um excelente profissional, líder do Sindicato Rural de Sérignac Péboudou e membro da Secretariado Central de Iniciativa Rural. Ciente da necessidade de uma boa formação do agricultor para conduzir o empreendimento agrícola, tinha interesse pelas ideias sociais e políticas do momento, foi decisivo

juntamente com o Padre Granereau Arsène Couvreur para promover o primeiro CEFFA (Centro Familiar de Formação por Alternância).

Ainda segundo Florent (2003) o Padre Granereau, nascido em 1884, filho de agricultores, sacerdote com fé profunda, era apaixonado pelas questões sociais e pelo desenvolvimento da agricultura e do meio rural. Granereau - discípulo de Marc Sangnier - pela formação recebida do Padre Laglaise teve grande influência na formação da primeira Maison Familiale, ajudando, estimulando e encorajando as famílias, sendo que, a necessidade sentida pelas famílias, as ideias e os métodos para respondê-las são de Jean Peirat e das famílias.

Arsène Couvreur, discípulo de Marc Sangnier, e católico social, nascido em 1863, filho de comerciante iniciou sua carreira profissional como bancário. Atuando e coordenando organismos sociais, familiares agrícolas, políticos e também jornalistas. Por fazer parte ao movimento dos democratas, além de auxiliar e acompanhar o processo de formação da Maison Familiale, interferindo e acompanhando de perto o processo de legalização da Maison Familiale, interligando os promotores com o poder público.

Segundo Florent, a criação da primeira Maison Familiale passou por dois grandes momentos a de formar a turma de jovens para frequentar a escola e de legalizar esse novo sistema de ensino. (FLORENT, 2003)

Este primeiro momento contou com a participação de Yves Peyrat, filho de Jean, que ao concluir o ensino primário tencionava por permanecer junto à sua família no trabalho rural, todavia, ao buscar outra solução para o impasse.

O Padre Granereau desafia o pai a confiar a formação do filho a ele juntamente com os materiais que vem por correspondência. Para criar uma escola para os filhos de agricultores necessita de no mínimo quatro educandos.

Jean procurou falar com as famílias mais abertas e colocar suas ideias de uma escola voltada à realidade que as famílias do meio rural necessitam. O primeiro pai a apoiar depois de Jean foi Sérignac-Péboudou a confiar seus filhos Lucien e Paul e o segundo o senhor Callewaert em 1935.

Com a primeira turma o Padre teria de analisar além do desempenho na aprendizagem a personalidade, o caráter voluntário e o desempenho para o êxito na propriedade.

A primeira reunião com os responsáveis foi realizada no dia 29 de setembro de 1935 na casa de Jean Peyrat com Callewaert, Clavier e o Padre Granereau.

Nessa reunião criaram as bases da nova escola, a formação dos jovens foi apoiada sob três aspectos, formação técnica, formação geral e a formação humana.(FLORENT, 2003)

A formação técnica para o meio rural envolve variáveis como os cultivares, clima, tempo, economia, mercado e o setor político. Esses estudos requerem tempo, pesquisa e entendimento da rotina de uma propriedade. A formação geral compreende além dos conhecimentos, a construção de valores e de atitudes que permitam formar a personalidade e aprender e compreender as técnicas, a história, a matemática a se expressar tanto na linguagem escrita quanto na oral. Com a formação humana e cristã; existe o preparo dos filhos à vida para que possam obter o êxito profissional e realização humana para sua felicidade completa.

Sendo apenas quatro alunos as famílias não teriam condições de custear os professores. Para iniciar e até conseguir mais educandos o Padre Granereau iria receber o material que viria por correspondência e receberia os jovens na casa Paroquial para ajudá-los uma semana e depois eles voltariam a suas propriedades durante três semanas para realizar suas tarefas e atividades. A alimentação durante a semana em que os jovens permaneceriam na casa paroquial seria custeada pelas famílias.

Já num segundo momento, havia a necessidade de legalização deste sistema de ensino, pois, a lei de 18 de janeiro de 1929 permitia a formação na roça (em casa), emitindo certificado como curso técnico.

Foi a partir do apoio do presidente do SCIR ao Sr. Arsène Couvreur, que a proposta de criar em seu seio uma sessão de aprendizagem foi aprovada instalando estatutos adotados no dia 13 de outubro de 1935.(FLORENT, 2003)

No primeiro ano de experiência fixaram a abertura da primeira semana de convívio após a colheita no dia 21 de novembro de 1935. No primeiro dia, os pais levaram seus filhos com todos os apetrechos necessários para os jovens permanecerem na casa paroquial. O Pe. Granereau trabalhava conteúdos, realizava visitas de estudo, fazia reflexões com os jovens, e, os educandos ajudavam nos afazeres, estudavam e tinham a hora de lazer. Aceitaram com alegria o sistema de formação e se sentiam participantes ativos pelas práticas utilizadas pelo Pe., por exemplo, a função do animador exercida em forma de rodízio pelos jovens que favorecia a formação social.(FLORENT, 2003)

Após seis meses marcaram a avaliação e conclusão do trabalho. Aproximadamente cinquenta pessoas responderam o chamado. Iniciou-se com a missa depois apresentou-se o relatório dos trabalhos realizados pelos jovens e seguiu com a discussão sobre o sistema de ensino. Após a refeição familiar, fizeram a prova aplicada pelo Padre Barjallé, professor da Escola Superior de Purpan, responsável pelos cursos a distância. A prova era constituída ora individual, ora coletiva, com duração de duas horas. Os jovens foram bem sucedidos pela tranquilidade de responder e pelas respostas.

Previa-se para o segundo ano uma turma de 15 a 20 jovens, desta forma o Pe. Grenerau não tinha condições de acompanhar os jovens, então decidiu-se pela contratação de um monitor de tempo integral. Para garantir a existência da Maison Familiale foi criada uma organização para assegurar financiamento e arcar com todo tipo de responsabilidade: como o secretariado estava em Paris levaram os promotores a organizar uma sessão rural para a região da ameixa de Agen SCIR com o Ministério da Agricultura a fim de assegurar o sistema de ensino.

Dia 25 de abril de 1937 se reuniram as famílias para tomar decisões sobre a Maison Familiale, não era sobre informação, mas sim ação, decisão e avaliação do segundo ano sendo que a turma já contava com 15 educandos. No dia 25 de julho de 1937 as famílias se reuniram para que a associação da Maison Familiale pudesse ter todos os poderes no plano jurídico, objetivando interagir a cooperativa a Mansion Familiale e a sociedade. Após esta preconização na França, essa forma de ensino destacou em outros países da Europa como Portugal e Itália, expandindo-se para países mais distantes como o Brasil na década de 60 no estado de Pernambuco.

2.4 Casa Familiar Rural de Frederico Westphalen: o ensino alternante

Passados 40 anos desde o início das primeiras Maisons Familiaes Rurales, e, após surgimento do CEFFAS e CFR o método pedagógico alternante passou por aprimoramentos. A alternância não é um ensino em tempo parcial, e sim, uma formação em tempo integral, que estreita as relações entre as atividades no mundo ativo sócio profissional do trabalho no estabelecimento escolar.

As CEFFAs não foram fruto de longas e sabias reflexões de especialistas, originaram-se no bom censo prático das famílias. A educação não é uma formula de escola, mas uma obra de vida. Todo pai assume responsabilidades que lhe são de

sua competência e capacidade de realizar, quando se fala em educação de seus filhos.

O trabalho e o contato do jovem com o adulto assumem responsabilidades precoces, assumindo essas responsabilidades gradativamente de acordo com a sua capacidade, isso dignifica o ser humano e o torna gente que se preocupa em desenvolver o meio.

Esse sistema de ensino teoria-prática, escola-propriedade faz do educando um interrogador ativo e motivado, ele enxerga novos problemas, novas ações, quando o jovem consegue observar, interrogar e refletir, permite uma pedagogia da curiosidade e de uma dinâmica formadora não somente para o jovem mas no meio, no grupo interno (família, vizinho, mestre de estagio...).

Os meios pedagógicos apropriados na formação por alternância leva o jovem a sua família a realizar uma organização específica no tempo e no espaço. A formação/construção do conhecimento do jovem deve partir das observações realizadas pelo jovem e do interesse na estadia e no meio socioprofissional.

Para que haja uma formação integral, deve-se haver continuidade da formação das atividades no decorrer do ano. A organização pedagógica da estadia no meio socioprofissional, primeiramente deve engajar o jovem no trabalho e a tomada de responsabilidade, o jovem deve se identificar na atividade e se sentir útil para desenvolvê-la.

No fim de cada semana ajudados pelo monitor os jovens elaboram um questionário (plano de estudo - PE), sendo um guia de pesquisa e permite ao jovem abordar os mais diversos assuntos ao regressar a escola eles devem trazer um texto explicativo evitando demasiadamente respostas secas. Além do questionário e das respostas, no CR pode anexar folha de observação e de relato, estes itens ficando como secundários. Sempre atentos para que os Planos de Estudos sempre tenham relação com uma atividade na qual o jovem esteja engajado.

Quanto à organização pedagógica na estadia no CEFFA, após duas semanas no seu meio socioprofissional o jovem volta ao CEFFA. Para aproveitar que o jovem fez nesse período é realizado algumas atividades como:

-Aprimoramento do estudo: o monitor realiza um atendimento personalizado com os jovens para ajudar o educando a melhorar seu texto e como explicar as atividades realizadas.

- Colocação em comum das pesquisas: Neste momento ocorre um intercambio das experiências e das pesquisas pessoais de todos os jovens do grupo, permite também o confronto e favorece a expressão oral do jovem e suscitar ao jovem uma atitude de escuta em relação a seus companheiros.

- Abertura para outras experiências: Podendo abrir horizonte de conhecimento do jovem com visitas de estudo em empreendimentos, organismos, etc. com a intervenção externa de profissionais ou especialistas, com a utilização de filmes, vídeos, slides, etc., com o estudo de relato de experiência em artigos de jornais, revistas, etc.

-Acréscimo e busca de novas informações: Na semana que o jovem esta no CEFFA, além dessas atividades ele também dedica-se as atividades que permitem a aquisição de novos conhecimentos relacionados ao CR, com o estudo tecnológico, técnico ou econômico, além de estudos gerais (biologia, geografia, física, química, matemática) que estão relacionadas com o tema gerador da semana.

Por ser um sistema de ensino diferenciado, não poderiam as Maisons Familiares usar do mesmo material didático das demais escolas. A União Nacional das MFRs publica os cadernos pedagógicos (CP), passando em 30 anos por várias transformações/modificações até se chegar no que se pretende.

Utilizando conteúdos mais sintetizados e direcionados com a realidade dos jovens, e a teoria, estimulando o jovem a ser mais pesquisador do que sábio. Para o monitor este CP facilita seu trabalho de ajudar na construção do conhecimento do educando.

O plano de formação é mais completo, pois tem a organização de objetivos definidos, ano por ano, destes objetivos destacam-se três principais. O primeiro, permitir ao jovem que adquira uma formação profissional e geral, valorizando a experiência que o mesmo já acumula, sendo compactada e enriquecidas nas atividades realizadas no CEFFA. O segundo, tornar o jovem ativo e interessado quando esta em casa tendo seu engajamento numa atividade pratica onde se sente útil e responsável. Por terceiro, associar os pais e o meio nas atividades de formação na caminhada dos jovens no quadro de atividades comuns (reuniões, visitas de estudo, intervenções, pesquisas diversas, etc.).

Para atender os objetivos, o plano de formação organiza as atividades de uma alternância duas na semana no meio socioprofissional e uma semana no centro

de formação, chamados de tema que leva em consideração o trabalho do meio, o projeto para o futuro e a sua psicologia.

Um tema representa uma unidade de formação (escola-família), ao colocá-la em prática deve ser considerado quatro fases interligadas:

- A preparação da saída para o meio socioprofissional.
- A atividade do jovem em casa e no trabalho.
- As atividades organizadas ao retorno à Maison Familiale.
- A volta ao meio, onde deve ocorrer a sequência.

Esse trabalho realizado no CEFFA desenvolvesse da seguinte maneira:

CEFFA

- Escolha de um tema (monitores e alunos).
- Preparação de um plano de estudo.
- Planejamento das atividades ao retornar ao CEFFA.

MEIO SOCIOPROFISSIONAL

- Atividade do jovem no meio.
- Realização do caderno da realidade, ou seja, o texto com as respostas ao Plano de Estudo.
- Colocação em Comum, atividades visando abertura para o mundo externo, fichas técnicas ou econômicas (caderno didático).
- Acréscimos mais gerais (aulas), trabalhos práticos, etc.

MEIO ESCOLAR

- Exercícios de novas competências.
- Discussão com os adultos sobre os assuntos.
- Colocação em prática de inovações e/o melhoramentos.

O plano de formação distingue-se do sistema de avaliação por prova, utiliza um sistema de avaliação que provoca uma reflexão numa formação continuada e evolutiva, mobilizando todos os formadores (pais, monitores, profissionais, tec.).

UMA ESTRUTURA DE ACOLHIDA DOS JOVENS

Um dos objetivos da PA é da colocação em prática de meios pedagógicos apropriados, considerando que a formação é a cultura total do indivíduo. O CEFFAs

desenvolveram uma estrutura de acolhida dos jovens, oferecendo um ambiente educativo adaptado à adolescência, que favoreça o êxito desta pedagogia.

PEQUENO GRUPO

Sempre se visou formar pequenos grupos de 20 a 25 jovens, nunca ultrapassando de 30 jovens por turma. Esse grupo representa diversos valores. facilita a valorização, a riqueza que cada um tem para a discussão do ensino, a brincadeira, a vida de grupo, esse grupo de 20 ou mais representa o arquétipo de qualquer comunidade viva. Quando é abaixo desse número, diminui a vida em grupo, a solidariedade e a responsabilidade diminui.

Este grupo permite o ensino mais individualizado (aprimorar o CR, a realização de exercícios, estudo e resumo de mercado, conhecer o melhor do jovem), até mesmo o jovem mais tímido encontra facilmente seu lugar.

Apesar dos especialistas de psicologia social constatarem essa influência positiva, se o grupo ajudar pode se tornar alienante e atrapalhar o acesso a uma plena autonomia. Mas se a alternância tem seu papel regulador, obrigando o jovem a se confrontar com diversas situações, no grupo de amigos, no estabelecimento escolar, no povoado e às vezes sozinha.

INTERNATO

O internato faz parte da estrutura educativa. Toda segunda-feira chega uma turma das três séries, para PA a vida tem valor de educação, reflexão e formação, permitindo perceber o usual e este tornar-se objeto de formação.

Quando o jovem esta no internato ele está mais libertado das preocupações das tarefas da propriedade familiar, facilitando assim sua concentração nos estudos. Com o internato e o pequeno grupo, desenvolve uma aprendizagem de vida comunitária.

Serviços de manutenção da escola são assumidas pelos educandos, sendo o grupo dividido em equipes que desempenham em várias tarefas onde tem de desenvolver um clima de serviço entre ajuda e responsabilidade. Havendo também o tempo de descanso das refeições, dos serões, de intercambio, lazer e nas apresentações artísticas.

A equipe responsável pela animação da semana com a ajuda do monitor planeja as atividades como serões recreativos, concurso de trabalho, encontro com

convidados, torneios esportivos, dia de campo, etc. essas atividades tornam-se possível o diálogo e um clima de confiança e de estreitas relações podem surgir, responsabilidades importante a desempenhar pelo monitor.

OS(AS) ANIMADORES(AS) DA FORMAÇÃO: OS(AS) MONITORES(AS)

Os monitores são responsáveis pelo bom andamento da CEFFA, do convívio dos jovens e de encaminhar as atividades para o meio, esse resultado não teria tanto êxito se não tivesse o apoio dos pais e mestres de estágios, responsáveis durante a estadia do meio socioprofissional; dos profissionais e técnicos que participam das avaliações ou que assumem intervenções, palestras e revistas de estudo.

2.4.1 CFR em Frederico Westphalen

Como resposta à necessidade da região local, cuja economia é basicamente agrícola, iniciou-se em 1998 debates acerca do processo de criação de uma Instituição que abrigasse ensino diferenciado aos jovens residentes no meio rural.

Fruto de debates, o Pólo de Modernização Tecnológica do Médio Alto Uruguai, ligado à Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus de Frederico Westphalen e ao Conselho Regional de Desenvolvimento do Médio Alto Uruguai - CODEMAU, criam em parceria com o Governo do Estado, um Centro de Qualificação Técnica de Agricultores, e, neste, surge a Casa Familiar Rural para formação de jovens agricultores futuros empreendedores rurais.

A opção pelo modelo educacional da Pedagogia da Alternância, utilizado nas Casas Familiares Rurais, foi em função da região composta, quase que exclusivamente, por agricultores familiares, no qual o método da alternância possibilita uma maior contribuição, para a qualificação dos profissionais do meio rural. Em 1998, estava bem claro para a região, que era necessário o surgimento de um Centro de Qualificação voltado ao desenvolvimento agropecuário. Desde então passou a ser uma discussão centrada no Conselho Regional - CODEMAU e a URI/FW, que priorizou o trabalho de divulgação e debates nas comunidades e municípios da região.

Paralelamente ao processo de divulgação e debates, surge uma diretoria provisória da Associação da Casa Familiar Rural, que, frequentemente, reunia-se com apoio da ARCAFAR/RS, com o objetivo de constituir a primeira turma de jovens

agricultores. Este processo ocorreu durante o ano de 2001 e resultou num grupo de 28 famílias de jovens interessadas em frequentar um ensino de educação rural, no qual as famílias são base integrante no processo de formação.

As três primeiras turmas formadas na Casa Familiar Rural foi em Qualificação e Agricultura, e, como a proposta pedagógica da alternância atende os princípios da formação integral, foi priorizado a escolarização. Inicialmente um projeto para a implantação da CFR e da Pedagogia da Alternância foi elaborado e amplamente discutido na região, com as famílias e com o Conselho Estadual de Educação, optando-se então por uma escola de ensino médio de caráter experimental. Transcorridos os três anos de formação como ensino médio experimental, solicitou-se a aprovação definitiva.

A Casa Familiar Rural Santo Isidoro localiza-se na linha Faguense, município de Frederico Westphalen-RS, suas estruturas físicas respeitam a arquitetura local, regional e a paisagem natural, foram construídas com recursos da Secretaria da Ciências e Tecnologia e Secretaria de Desenvolvimento Territorial.

A unidade educativa possui um prédio com estrutura de característica familiar adequada ao funcionamento, com capacidade para abrigar 75 jovens, em três turmas. Compõe-se (estrutura interna) de alojamento para moças e rapazes, salas de aula, refeitório, cozinha, área administrativa, laboratórios, biblioteca, almoxarifado e alojamento para monitores.

A CFR Santo Isidoro vem trabalhando com a formação e qualificação profissional desde 2001 e com qualificação profissional e ensino médio a partir de 2006 quando recebeu o registro provisório, por intermédio do Parecer 171/CEED/RS/2006, e, em 30 de setembro de 2009 recebeu o parecer definitivo que foi o PARECER CEED/RS Nº 675/2009 DE 30/09/2009.

2.5 Pedagogia da Alternância e a Legislação

A partir da LDB/1996 a educação básica para a população rural passou a ser pauta formal das organizações e entidades, desde então vários estados, municípios, ONG'S, secretarias e escolas de formação vem ajustando e tentando organizar-se de acordo com a realidade da população rural.

No entanto é necessário lembrar que à educação rural na sociedade, ainda encontra-se desvinculada da realidade e da vida dos agricultores. Este fato não é

recente, mas vem ao longo da história, em que as demandas escolares eram predominantemente oriundas das classes médias, que buscavam, através da educação escolar, a ascensão social e o ingresso no processo de industrialização da sociedade, sendo totalmente diferente as expectativas da população do campo em que “a ausência de uma consciência a respeito do valor da educação no processo de constituição da cidadania, ao lado das técnicas arcaicas do cultivo que não exigiam dos trabalhadores rurais preparação alguma, nem mesmo a alfabetização, contribuíram para a ausência de uma proposta de educação escolar voltada aos interesses dos camponeses”.(Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002). A partir disso, a introdução da educação rural no ordenamento jurídico brasileiro foi, nas primeiras décadas do século XX, “incorporando, no período, o intenso debate que se processava no seio da sociedade a respeito da importância da educação para conter o movimento migratório e elevar a produtividade no campo”(idem).

Com as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo(Resolução CNE/CEB nº1, de 3 de abril de 2002), em seu artigo 5º, diz que “As propostas pedagógicas das escolas do campo respeitadas as diferenças e o direito à igualdade e cumprindo imediata e plenamente o estabelecido nos artigos. 23, 26 e 28 da Lei nº 9.394, de 1996, contemplarão a diversidade do campo em todos os seus aspectos: sociais, culturais, políticos, econômicos, de gênero, geração e etnia”.

Dessa forma, pode-se dizer ainda que, essa desvinculação está associada às políticas educacionais adotadas para este meio, como os conteúdos e currículo, planos, metodologias, tendo como referência a educação urbana

No entanto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996, estabelece a necessidade de contextualizar a educação, adaptando às necessidades e realidades locais e regionais. Diante disso, está a preocupação com a diversidade cultural, econômica, social e política. À luz dos Artigos 208 e 210 da Carta Magna (1988) e inspirada, de alguma forma, numa concepção do mundo rural como espaço específico, diferenciado e, ao mesmo tempo, integrado no conjunto da sociedade, a LDB estabelece que:

Art. 28. Na oferta da educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente.

I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

- II – organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III – adequação à natureza do trabalho na zona rural. (LDB)

Considerando-se o disposto no artigo acima, é possível destacar a existência da legislação para o meio rural, sendo esta muito clara na sua especificidade ao meio rural, levando em consideração não somente os conteúdos, mas toda a vida real do campo, as finalidades e as metodologias. Envolvendo-se, dessa forma, com a cidadania e a democracia, num sentido de desenvolvimento de projetos em que pessoas envolvidas, são sujeitos de direito, isto é, a educação no meio rural, deve identificar o modo próprio de vida social e de utilização do espaço diferenciando assim, o que é rural e o urbano, sem ignorar o global.

É válido destacar que a Pedagogia da Alternância, método de ensino utilizado no Ensino Médio Experimental em Alternância da Casa Familiar Rural é contemplada na LDB em seu artigo 23, quando diz que

Art. 23. A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

Pensar uma educação para o meio rural exige o conhecimento das necessidades dos envolvidos no processo educativo, ou seja, o ato de ensinar carece que o mundo da vida dos agricultores, passe a ser a realidade da ação educativa, não mais se satisfazendo com o simples, mas incluindo a diversidade sociocultural, o direito à igualdade e à diferença. Tal diversidade é assegurada pela LDB, em seu Artigo 26, como pode ser observado abaixo:

Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Art.27. Os conteúdos curriculares da educação básica observarão, ainda, as seguintes diretrizes:

- I – a difusão de valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, de respeito ao bem comum e à ordem democrática;
- II – consideração das condições de escolaridade dos alunos em cada estabelecimento;

III – orientação para o trabalho;
IV – promoção do desporto educacional e apoio às práticas desportivas não formais. (LDB, 1996)

Além deste, o artigo 24 aborda que a educação básica, nos níveis fundamentais e médio serão organizadas com carga horária mínima anual de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias efetivos de trabalho escolar. Observa-se que nessa proposta o Ensino Médio da Casa Familiar Rural possui uma carga horária superior a isso.

Ainda, é importante destacar o parecer 01/2006 do CNE/CEB que manifesta-se sobre dias letivos para a aplicação da Pedagogia de Alternância nos Centros Familiares de Formação por Alternância (CEFFA) conforme segue:

1 – É imprescindível que todas as unidades educativas, de qualquer grau, nível, etapa ou modalidade, vinculadas a um dos sistemas de ensino, cumpram a legislação e as normas educacionais em sua totalidade, inclusive quanto à duração do ano letivo em dias e horas de sessenta minutos. É mister enfatizar que esse cumprimento é um direito dos alunos.

2 – No corpo do Relatório deste Parecer constam observações e sugestões importantes para que se defina um determinado padrão de qualidade e de funcionamento para a Pedagogia da Alternância.

3 – Os CEFFA cumprem as exigências legais quanto à duração do ano letivo, pois integram os períodos vivenciados no centro educativo (escola) e no meio sócioprofissional (família/comunidade), considerando como dias e horas letivos atividades desenvolvidas fora da sala de aula, mas executadas dentro do Plano de Estudo de cada aluno.

4 – Cada Centro Familiar de Formação por Alternância deverá organizar sua proposta político-pedagógica nos termos da LDBEN, seja na forma de Escola Família Agrícola, Centro Familiar Rural ou Escola Comunitária Rural, submetendo-a ao sistema de ensino competente.

5 – Recomenda-se que o Projeto Político-Pedagógico de cada CEFFA adote as características da Pedagogia da Alternância na concepção de alternância formativa, isto é, alternância integrativa real ou copulativa, de forma a permitir a formação integral do educando, inclusive para prosseguimento de estudos, e contribuir positivamente para o desenvolvimento rural integrado e autossustentável,

particularmente naquelas regiões/localidades em que prevalece a agricultura familiar.

6 – Os Conselhos Estaduais ou Municipais de Educação, que ainda não se manifestaram sobre os dias considerados letivos para a Pedagogia da Alternância, o que vem dificultando a certificação de conclusão de curso dos Centros Familiares de Formação por Alternância (EFA, CFR ou ECOR), são encorajados a examinar/reexaminar os Projetos Político-Pedagógicos a eles submetidos pelas instituições educacionais, sob a ótica do presente Parecer e das conclusões dos seminários e simpósios que vêm sendo realizados sob o patrocínio do MEC, ou de outros organismos, sobre a Educação do Campo.

3 O PAPEL DO ENSINO ALTERNANTE NA FORMAÇÃO DO PENSAMENTO SUSTENTÁVEL DO MEIO RURAL

Enquanto prática educativa de formação humana e profissional, a Pedagogia da Alternância também trabalha com a questão sustentável. Compreende-se por sustentabilidade as ações e atividades humanas que visam suprir as necessidades sem prejudicar as futuras gerações, isto é, que as mesmas possam ter acesso aos mesmos recursos naturais, sem prejuízos. Segundo Cavalcanti (2003, p.15), sustentabilidade “significa a possibilidade de se obterem continuamente condições de vida iguais ou superiores para um grupo de pessoas e seus sucessores em dado ecossistema”.

Algumas ações que promovem a sustentabilidade podem ser definidas a partir da: exploração de áreas verdes de forma controlada, garantindo o replantio; preservação das áreas verdes que não são abertas à exploração econômica; ações que visem a produção e o consumo de alimentos orgânicos, os quais constituem qualidade de vida e não agredem a natureza; exploração de recursos minerais de forma controlada e planejada; uso de fontes de energia renováveis e diminuição do uso de combustíveis fósseis; atitudes que visem a diminuição do lixo no solo, também como uma forma de reaproveitá-lo e ações voltadas ao controle do consumo de água evitando o desperdício e poluição dos recursos hídricos.

Tendo esta compreensão sobre a sustentabilidade, no processo alternante os jovens ao mesmo tempo em que aprendem sobre as formas de cultivo e manejo da terra e de outros cultivos, assimilam também a consciência ambiental para com este espaço que é local de seu trabalho e vivência. A CFR busca, então, a formação do jovem e a conscientização das famílias de modo que também sejam condutoras deste processo.

No desenvolvimento agrícola, costuma-se dar prioridade para o aumento da produção, no entanto, é possível reconhecer que a produtividade agrícola tem seus limites, e quando este é ultrapassado, o ambiente é agredido. De acordo com Paludo e Thies (2008), a produção e o consumo devem ser equilibrados de forma a

garantir um nível ecológico de preservação do ambiente produzindo impactos menos negativos e de maior sustentabilidade do local.

Pensar a educação como princípio pedagógico estratégico para o desenvolvimento sustentável é pensar a partir da ideia de que o território pode e deve ser reinventado através das suas potencialidades. O ensino para os jovens oriundos da cidade e do campo, baseado em grades curriculares, disciplinas isoladas e transmissão de conhecimento, sem levar em consideração a realidade dos educandos, ao invés de promover o desenvolvimento do meio, acaba por distanciar o jovem de sua realidade, incentivando a busca de oportunidades fora das suas origens e não proporcionando a sucessão de costumes, valores e do espaço sociocultural necessário para o desenvolvimento como liberdade. Se o jovem não valoriza seu meio sócio profissional do campo, como poderá realizar isso fora dele?

Faz-se necessário também, tratar aqui, das tecnologias, pois, sua relação com a PA é estreita pelo fato de que ambas constituem-se num processo de trabalho. A real e verdadeira alternância somente ocorre no momento em que o sujeito estuda ciência do mundo real e isso se dá nas coisas concretas, interdisciplinares, coletivas. Dagnino (2010 p. 206) menciona que “tecnologia como resultado da ação de um ator social sobre um processo de trabalho, no qual, em geral, atuam também outros atores sociais que se relacionam com artefatos tecnológicos visando à produção”.

O autor ainda afirma:

Tecnologia social seria o resultado da ação de um coletivo de produtores sobre um processo de trabalho que, em função de um contexto socioeconômico que engendra a propriedade coletiva dos meios de produção e de um acordo social que legitima o associativismo, os quais ensejam, no ambiente produtivo, um controle auto gestor e uma cooperação de tipo voluntário e participativo, permite uma modificação no produto gerado passível de ser apropriado segundo a decisão do coletivo (DAGNINO, 2010, p. 210)

Aproximando os conceitos, observamos a forte presença do coletivo, do processo de construção de produtos fruto do trabalho em conjunto e isso diferencia fortemente a tecnologia social da tecnologia convencional, e, também a Pedagogia da Alternância da Pedagogia Tradicional.

Segundo Queiroz (2006, p. 6), a Pedagogia da Alternância “suruiu sob a responsabilidade das famílias, em alternância e a partir da organização dos agricultores já existentes”. A PA não surge como oposição ao sistema educacional vigente, surge como possibilidade de educar procurando suprir as necessidades do sujeito do campo, tendo como principal mentora as famílias do meio rural e isso a caracteriza como uma tecnologia educacional social, pois, desenvolve a possibilidade da sociedade adotar a tecnologia social.

Segundo Estevam (2003, p.23), “a alternância difere do ensino formal ao propor uma formação voltada para a busca de respostas às necessidades locais e ao mesmo tempo ser compatível com a realidade dos jovens e suas famílias”. O jovem alterna períodos em seu meio sócio profissional e outros no meio educacional presencial, promovendo acesso a técnicas e as tecnologias existentes. Uma semana o educando fica no meio sócio profissional observando, criando hipóteses, problematizando, na semana seguinte ele vai para o meio educacional presencial onde socializa e analisa sua realidade, e busca respostas para suas problematizações. Na outra semana, ele retorna para o meio sócio profissional, no qual exerce relações sociais e as técnicas e tecnologias passam a ir além dos instrumentos de trabalho, dos artefatos utilizados na realização de experiências e aplicação prática dos conhecimentos, enfim a apropriação das técnicas e tecnologia vão além do simples fazer, da prática, dos objetos, é a possibilidade da autonomia de reconstruir seu espaço e ser o desenvolvimento de fato.

Para Silva (2003, p. 16):

Tecnologia é, portanto, uma relação social e não um conjunto de “coisas”, como poderíamos pensar ao olhar as máquinas, os adubos químicos, as sementes, etc. A tecnologia é um conjunto de conhecimentos aplicados num sistema de produção.

A possibilidade real da tecnologia é proporcionar o desenvolvimento integrado, a demanda dos avanços no processo de consciência da utilização dos fatores de produção e das relações sociais, e isso, implica em saber primeiros que sociedade queremos construir e depois a tecnologia que vamos utilizar.

A PA tem a finalidade de oferecer ao jovem do campo uma formação voltada a sua realidade e de criar possibilidade para que ele permaneça no meio rural. Begnami (2002,p. 116), afirma “destacamos a alternância como uma estratégia

pedagógica favorável ao adolescente e ao jovem rural, pois o currículo e o processo de ensino parte do contexto local valorizando a cultura, promovendo a autoestima”.

Gnoatto (2006, p. 67) também afirma que:

A Pedagogia da Alternância é uma proposta educacional que respeita as peculiaridades regionais, valorizando o modo de vida do homem rural, seus costumes, seus valores, conseguindo trabalhar as complexidade existentes na Agricultura Familiar, diferenciando-se da educação urbana adotada em municípios com características rurais. Essa proposta educativa para o meio rural procura relacionar o processo de educação com seu público alvo, conciliando o trabalho na propriedade rural com a educação, valorizando o conhecimento do aluno numa interação entre a escola-família-comunidade.

A família e a comunidade participam ativamente do processo educativo, visto que o conhecimento prévio de cada um é valorizado, conhecimento adquirido nas vivências do dia a dia junto da família. O conhecimento é a capacidade desenvolvida pelas famílias do campo na interpretação e utilização de novas tecnologias em conjunto com as que já lhe dizem respeito. Isso possibilita o educando agir como agente de desenvolvimento do campo e construir um projeto prático de desenvolvimento do seu modo de vida. O projeto é construído durante os anos em que permanece em formação, é uma síntese de tudo o que foi estudado, é o instrumento que co-responsabiliza o sujeito na melhoria da sua realidade.

Calvo (2002, p. 136), menciona:

[...] poderíamos dizer que, no final da alternância no CEFFA, o jovem deve apresentar de forma sistemática, completa, complexa, global aquilo que ele construiu, ou seja, “sua obra de arte”, aquilo que ele é capaz de fazer, algo visível, que será reconhecido e elogiado pelos demais.

A educação do campo através da PA caracteriza-se como um instrumento de ensino, pesquisa e extensão do campo, pois apresenta as características de uma pedagogia aplicada à realidade, é feita por sujeitos, conforme descreve Arroyo (2004, p. 76)

Esta pode ser uma característica fundamental da educação básica do campo, porque essa é uma característica dos movimentos sociais, ser feitos por sujeitos, valorizar as pessoas, respeitar suas diversidades, seus direitos. Então, a primeira característica: vincular a educação com os direitos, vincular a educação com os sujeitos. Os sujeitos concretos, históricos tratados como gente na escola.

O papel da educação de direito e de fato é propor a liberdade humana como condição elementar para o desenvolvimento da sociedade, isso fica nitidamente

visível nos princípios da PA que possui como meio quatro pilares descritos por Gimonet (2007), no qual dois são meios e dois são finalidades, sendo os meios a Alternância e a associação de pessoas que valorizam as pessoas como centro do desenvolvimento, e, os fins, a formação integral e o desenvolvimento do meio, que é o fruto do envolvimento e da liberdade das pessoas, e isso, passa pela formação pessoal.

A busca da qualificação é salientada por Frigotto (1999, p. 46)

Qual o sentido da ideia de formação para a empregabilidade, requalificação e reconservação profissional dentro de uma realidade endêmica de desemprego estrutural, trabalho supérfluo em massa e das evidências que mostram que há hoje mediante incorporação de tecnologia, aumento da produtividade, crescimento econômico, sem aumento do nível de emprego?

As relações que se estabelecem entre campo e a cidade são basicamente determinadas pela dinâmica da economia de mercado, então, o primeiro passo para a sustentabilidade do campo é reconhecer que o campo não é somente de produção agrícola. E é sabido, que, o campo esta ligado, por relações estreitas e complexas ao resto da economia. À medida que avança o processo de desenvolvimento econômico, as trocas do campo com outros agentes econômicos tornam-se mãos intensas, e o campo se torna menos autônomo e as decisões que lhe dizem respeito passam a ser tomadas por agentes econômicos externos ao seu meio (ALTMANN, 1997).

Então é possível perceber que historicamente o campo se voltou para a forma de desenvolvimento da cidade e atualmente vem acontecendo o processo inverso, a cidade é que vem buscando no campo, uma forma mais sustentável de vida e de reprodução dos valores e sabores do campo como forma de desenvolvimento sustentável. Assim, fica a questão: as técnicas e tecnologias não estão propondo soluções suficientes para o desenvolvimento da sociedade?

Para Martins (1997), a família e o trabalho são componentes fundamentais e combinados. Como poderão as famílias da cidade obterem o campo a reprodução do trabalho e da família se exercem atividades que não são reais do trabalho do campo? E como poderá o campo manter essa combinação se para o campo se reproduzir precisa ir além do campo?

Nessa perspectiva a Pedagogia da Alternância vêm ganhando destaque frente à necessidade de desencadear o desenvolvimento sustentável do campo. A

formação pessoal deverá partir da realidade local e responder às suas necessidades, assim o desenvolvimento do meio será a soma de cada um dos desenvolvimentos pessoais.

Conforme Calvó (2002, p.125) “[...], sem formação não há desenvolvimento pessoal. Sem desenvolvimento pessoal, não há desenvolvimento local sustentável. Sem desenvolvimento local, não há desenvolvimento pessoal integrado”.

O educando é sujeito de sua formação, pois é ele quem a constrói, as intervenções externas apenas contribuem no processo de liberdade. Dessa forma o desenvolvimento sustentável emerge da educação, dos saberes, valores e reflexões reais de aprendizagem, do educar globalmente, como menciona Gadotti (2002, p.148):

[...] na era da informação, diante da velocidade com que o conhecimento é produzido e envelhece, não adianta acumular informações. É preciso saber pensar. E pensar a realidade. Não pensar pensamentos já pensados. Daí a necessidade de recolocarmos o tema do conhecimento do saber aprender, do saber conhecer, das metodologias e da organização do trabalho.

Percebe-se, dessa forma, que a Pedagogia da Alternância está voltada ao mundo do trabalho, a realidade dos educandos. Está em construção, a cada dia ela se engrandece e se aperfeiçoa, pois ela é sustentada no enriquecimento das experiências de vida, confrontadas com as do ambiente educacional presencial que levam então a reconstrução dos modos de vida e a descobrir potencialidades existentes, tornando experiências possíveis. Além disso, as alternâncias possuem uma sequência que interage no intuito de acompanhar a caminhada do educando, comprometendo-se verdadeiramente com a formação.

3.1 A Sustentabilidade e Agroecologia dentro do processo de formação da Alternância

De acordo com o Marco Referencial em Agroecologia (2006), do ponto de vista histórico, pode-se afirmar que a origem da Agroecologia é tão antiga quanto às origens da agricultura. O estudo das chamadas agriculturas tradicionais, indígenas ou camponesas, quando analisadas, revela sistemas agrícolas complexos adaptados às condições locais, com agroecossistemas estruturais e funcionalmente muito similares às características dos ecossistemas naturais. Ou seja, revela

estratégias adaptativas dos cultivos às variáveis ambientais em base a conhecimentos tradicionais gerados durante muitos ciclos produtivos, transmitidos entre gerações. Já a Agroecologia, como campo de conhecimento científico, é algo mais recente.

Durante os anos 30, autores chegaram a propor a Agroecologia como a Ecologia aplicada à agricultura. Após a II Guerra Mundial, a Ecologia moveu-se na direção da ciência pura e a Agronomia cada vez mais se orienta por resultados, dificultando pontos em comum entre as disciplinas (GLIESSMAN, 2001). Na década de 1950, a consolidação do conceito de ecossistema renovou o interesse pela Ecologia de cultivos. Com tal conceito "havia pela primeira vez uma estrutura básica geral para examinar a agricultura desde uma perspectiva ecológica, ainda que poucos pesquisadores a usassem desta forma" (GLIESSMAN, 2001).

O estabelecimento de interesses comuns entre as disciplinas da Agronomia e da Ecologia ocorreu a partir dos anos 70. "Foi nesta época que mais ecólogos passaram a ver os sistemas agrícolas como áreas legítimas de estudo e mais agrônomos viram os valores da perspectiva ecológicas" (GLIESSMAN, 2001).

Começaram a aparecer publicações usando o termo Agroecologia e o conceito de agroecossistemas. Segundo Gliessman (2001), no início dos anos 80, a Agroecologia tinha emergido como uma metodologia e uma estrutura básica conceitual distinta para o estudo de agroecossistemas. Esse período teve fortes influências dos estudos sobre sistemas de cultivos e conhecimentos tradicionais em países em desenvolvimento, que passavam a ser reconhecidos como exemplos importantes de manejo de agroecossistemas, ecologicamente fundamentados.

Portanto, a Agroecologia constitui-se, cada vez mais, em importante ferramenta para a promoção das complexas transformações sociais e ecológicas necessárias para assegurar a sustentabilidade da agricultura e das estratégias de desenvolvimento rural. Estratégias que por sua vez auxiliam e estão presentes no processo de ensino da PA através de técnicas e atividades de produção agrícola que utilizem recursos naturais de forma racional, sem prejuízos à fauna e a flora do local, priorizando a sustentabilidade e a produção saudável.

Ainda de acordo com o Marco Referencial em Agroecologia (2006), no Brasil, o movimento ecológico nasceu a partir do debate internacional, portanto, fora do contexto da agricultura. A incorporação de questões nacionais ao debate e a criação de um sentimento nacional de conservação da natureza foram produtos iniciais do

movimento. A agricultura não sofria críticas mais severas desde o ponto de vista ecológico. No entanto, os impactos ecológicos da agricultura moderna contribuíram para modificar esse panorama, vinculando o movimento ecológico à agricultura.

A partir dos anos 1970 começou a se desenvolver a experiência de Agricultura Ecológica, inicialmente por parte de agricultores “inovadores”. Já nos anos 80, com a realização dos históricos Encontros Brasileiros de Agricultura Alternativa (EBAAAs) se desencadearam vários projetos de produção e a mobilização e organização de agricultores ecológicos. Os EBAAAs se constituíram em espaço de convergência desses produtores, das organizações de Agricultura Ecológica, de alguns pesquisadores e de algumas forças políticas.

O conceito de agroecologia e agricultura sustentável consolidou-se na Eco 92, quando foram lançadas as bases para um desenvolvimento sustentável no planeta.

A trajetória das experiências brasileiras em Agricultura Ecológica é marcada por importantes contribuições de várias instituições, que estimularam as discussões sobre os impactos da agricultura moderna e propostas alternativas. A Federação dos Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase), que por meio do projeto de Tecnologias Alternativas (TA) se dedicou a recuperar ou catalogar as inovações geradas na prática dos pequenos agricultores, organizar sistemas de difusão através das organizações de movimentos populares no campo, sistematizar as experiências mais avançadas, articular a sensibilização em organismos de investigação tecnológica governamentais para que incorporem este acúmulo empírico de conhecimentos.

Segundo Ambiente Brasil (2009), o Brasil vem investindo no setor e, segundo dados atuais, o comércio nacional atingiu, em 1999/2000, cerca de 150 milhões de dólares. Estima-se que a área cultivada organicamente no país já atinge cerca de 25 mil hectares, perto de 2% da produção total nacional. 70% da produção nacional vai para a exportação, despontando a soja, laranja, banana, açúcar mascavo e café.

.Ao tratar da agricultura como trabalho e disseminação de vida, envolve-se o cuidado com o ambiente e os recursos que este mesmo proporciona ao ser humano. Nesta medida, a perspectiva de trabalho com a alternância busca-se utilizar-se destes recursos naturais na produção da propriedade, seja ela de leite, de grãos, de hortaliças, mas que seja possível executar atividades e meios em que ao mesmo tempo se utilize e preserve este espaço de trabalho.

4 CONCEPÇÕES E CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este capítulo tem a intenção de apresentar a metodologia que orientou esta pesquisa. Para tanto, as concepções e os caminhos metodológicos mostrarão a: opção e concepção de pesquisa, bem como o desenho metodológico da mesma, apresentando neste último os sujeitos e espaços que fizeram parte da pesquisa e os instrumentos que permitiram o acesso aos dados.

Para o desenvolvimento desse estudo optou-se pela pesquisa qualitativa, uma vez que esse tipo de pesquisa tem um caráter mais exploratório, descritivo, indutivo e envolve técnicas como análise de dados secundários, estudos de caso, entrevistas individuais, discussão em grupo, teste de associação de palavras, entre outros. (BAUER, 2005)

A pesquisa qualitativa foi entendida como uma abordagem adequada para compreender a problemática estudada, porque, de acordo com Campos (2001) trata-se, na maioria dos casos, de uma análise pessoal e subjetiva das informações contidas nas respostas dos sujeitos. Este tipo de pesquisa permite compreender o problema no meio em que ele ocorre, sem criar as situações artificialmente, as quais mascaram a realidade ou levam a interpretações ou generalizações equivocadas. A finalidade da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, e as diferentes representações sobre o assunto em questão (BAUER, 2005).

Assim, buscou-se com essa pesquisa analisar o papel do CEFFA no desenvolvimento sustentável do meio rural, observando a influência que a Pedagogia da Alternância tem sobre esse sistema de ensino.

Quanto à concepção de pesquisa ou abordagem filosófica que orientou a aproximação empírica, o presente estudo, seguiu os preceitos da hermenêutica, uma vez que a esta engloba não apenas a interpretação de textos e escritos, mas também tudo que há no processo interpretativo. Isso inclui formas verbais e não verbais de comunicação, assim como aspectos que afetam a comunicação, como preposições, pressupostos, o significado e a filosofia da linguagem, e a semiótica. (GHEDIN, 2004)

Pode-se compreender a hermenêutica a partir da análise da compreensão a da natureza da linguagem e das condições basilares da relação entre o falante e o ouvinte. Nesta perspectiva, a temática proposta enquadrou-se nesta abordagem filosófica, pois buscou-se compreender os sujeitos e os seus ambientes através de seus discursos, das suas falas, da troca de informações entre o entrevistado e o pesquisador. (GHEDIN, 2004)

Tendo presente a relação estabelecida entre os sujeitos e o pesquisador, faz-se necessário explicar como essa pesquisa foi feita, ou seja, seu desenho metodológico. Por se tratar de uma aproximação empírica com o objeto pesquisado, esta foi uma pesquisa descritiva envolvendo o uso da técnica de entrevista para coleta de dados e a pesquisa bibliográfica para a construção teórica sobre o tema em questão.

Os sujeitos que fizeram parte da pesquisa foram os egressos da CFRSI de Frederico Westphalen, em suas propriedades com seus familiares, como também os atuais alunos da CFRSI, e seus educadores. Ainda como forma de compreender a importância e repercussão do ensino desta CFRSI, participaram da pesquisa líderes comunitários, membros que fazem parte do Sindicato, dos Movimentos Sociais, da Igreja, e da Cooperativa, espaços esses em que o agricultor está em contato constantemente.

A seleção dos sujeitos foi feita por amostragem não probabilística por acessibilidade voluntária, pela facilidade de acesso a eles. Portanto foram 10 egressos que se disponibilizaram em participar da pesquisa. Na CFRSI participaram 15 jovens e 02 educadores. Participaram também da pesquisa 02 líderes comunitários.

A pesquisa teve a análise qualitativa como técnica de tratamento dos dados por entender que se trata de uma investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e qualitativa do conteúdo manifesto da comunicação. A técnica de Análise Qualitativa permitiu compreender as informações tendo presente à teoria abordada no referencial teórico, que, de acordo com Lüdke e André (2004, p.49) estabelece “conexões e relações que possibilitem a proposição de novas explicações e interpretações”.

A pesquisa não trouxe nenhum risco aos participantes, também não contou com nenhum tipo de recompensa aos participantes e sua contribuição centrou-se na colaboração com o processo de produção do conhecimento no campo de saber da

educação. Os sujeitos que se disponibilizaram em participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual é um documento que garante o respeito, a justiça e a beneficência do participante na pesquisa.

5 ANÁLISE DOS DADOS: UMA REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DA ALTERNÂNCIA NO MEIO RURAL

Na prática pedagógica alternante, os jovens saem do mundo da contemplação para o mundo da atuação, pois são eles que fazem a sua história, definem seu trabalho e buscam o desenvolvimento. Nessa rotina de construção aprende-se além da profissão, os valores humanos necessários para a confirmação deste ser junto à ordem social como parte coletiva e individual, em busca de uma vida mais digna e cidadã.

Redirecionar a atenção para os problemas do meio rural e efetivar políticas educacionais que atendam a essa demanda emergente é o primeiro passo para proporcionar condições de trabalho e de vida mais dignas e menos sofríveis. Colocar em prática apoios verdadeiros que ofereçam oportunidades de crescimento e permanência destes jovens no campo, esse não é o motivo principal da alternância, mas é um dos fatores para se começar no ensino alternante. O conhecimento do ensino das Casas Familiares Rurais é algo a ser divulgado, existem poucos trabalhos acadêmicos nesta área de pesquisa e muitas pessoas não sabem desses feitos, com o conhecimento deste ensino mais pessoas poderão interessar-se e proceder de maneira positiva.

A Pedagogia da Alternância vai além dos conhecimentos técnicos, escolares e sistemáticos, representa uma forma de desenvolver a vida e de sustentação para os jovens que residem no campo. Ela transforma-se então em uma Pedagogia da vida, pois os envolvidos passam a ser sujeitos de sua história, transpassando o real, por isso tal estudo é pertinente à realidade vivenciada na região, possibilitando um novo olhar para com os agricultores familiares, e uma nova forma de se conceber/compreender um ensino que lhes atendessem as necessidades.

Como uma das propostas a esse novo rural – um espaço de produção sustentável, de conhecimento, possibilidades e de vida digna ao sujeito que ali reside - a alternância é o início do recomeçar, pois trabalha com as famílias agrícolas, aquelas que ainda resistem aos apelos urbanos, e conservam uma cultura alicerçada em valores familiares, é por isso que essa Pedagogia deve ser difundida

e preservada, é a partir dessa realidade que devemos pensar em uma estrutura rural diferenciada, que privilegie o indivíduo rural como um ser social e democrático “que é sujeito de sua própria história”.

Visando um estudo consistente, além da pesquisa bibliográfica, das leituras e acompanhamentos, foram realizadas entrevistas com os sujeitos envolvidos no processo da alternância a fim de possibilitar analisar o papel dos CEFFAs no desenvolvimento sustentável do meio rural, observando a influência que a Pedagogia da Alternância tem sobre esse sistema de ensino.

Ao tratar do interesse dos jovens pela CFR e da forma como ficaram sabendo desta modalidade de ensino foi possível verificar no conjunto de respostas que a maioria dos alunos que estudam hoje na CFR ficaram sabendo do ensino alternante por jovens que já estudaram na Casa, sindicatos do trabalhadores rurais e familiares, como colocam os jovens abaixo

O interesse de estudar na CFR surgiu quando meu irmão se formou nesta instituição de ensino, e me propôs saber os assuntos aqui estudados e pela pedagogia da alternância vim aqui para ampliar meus conhecimentos e contribuir para o desenvolvimento da propriedade. (Jovem R4)

Foi a minha irmã que me falou que havia esta escola, pois um colega de trabalho dela fez o 2º grau aqui. Os fatores são por poder estudar aqui e explicar em casa o que aprendeu, também porque o que eu queria é ficar na agricultura e é aqui onde eu acho que preciso para me manter na colônia. (Jovem R5)

É perceptível na exposição dos jovens como a influência da família se faz presente na decisão de formação do jovem, na mesma medida, a necessidade que os jovens que querem permanecer no campo tem de um ensino que beneficie e atenda as atividades que são pertinentes ao meio rural. Sobressai-se a atuação da alternância como um ensino que concede destaque profissional e social aos jovens, sendo que

[...] o que é prioridade na Pedagogia da Alternância é a dignidade da pessoa, como sujeito individual e coletivo, tratam-se de jovens e suas famílias (pequenas ou grandes) e em torno desta comunidade. Leva-se em conta a totalidade da pessoa como indivíduo e o que ela representa na história e no seu meio por esse motivo a EFA ajuda e é parte desse fator de desenvolvimento humano-social do meio onde está inserida (ZAMBERLAN apud JESUS, 2006, p.18).

A família constitui-se parte fundamental do processo educacional, pois é ela que oferece o primeiro espaço de socialização de valores e conduta, da mesma forma, se faz imprescindível na Alternância, representando ponto de apoio e de integração entre monitores e jovens. É no núcleo familiar também que se difundem os conhecimentos e planejam/executam-se trabalhos da propriedade. Para Gimonet (2007), tanto as crianças, quanto os jovens e os adultos pertencem à um contexto familiar, e, este, é essencial para a construção de sua identidade e aprendizagem.

É nesse sentido que a família – seu auxílio e participação – na Pedagogia da Alternância é referência para a formação integral do jovem, para seu desenvolvimento tanto pessoal, quanto social e/ou profissional. Porém, apesar de a maioria das famílias trabalhar em conjunto com os adolescentes, não existe uma unanimidade que contemple todos os requisitos de tal participação, essa lacuna – pode-se considerar talvez um dos pontos fracos – evidencia-se supostamente como sendo um dos precedentes indicados para os problemas rurais: a falta de informação quanto às abrangências do campo em si e da Pedagogia da Alternância.

Essa fragilidade pode ser percebida na fala de um egresso da CFR referente ao incentivo que a família fornece à continuar os estudos.

Minha família não me incentivou a continuar estudando pra permanecer aqui. Eles queriam algo melhor pra mim, sabe. Que não fosse tão sofrido e que me desse condições de vida mais avançadas. Mas eu queria ficar. Gosto daqui e hoje não me arrependo. O que aprendi na CFR me ajuda muito. (Egresso R2)

Como um agravante que incide tanto sob as pessoas da cidade quanto algumas do campo, a falta de informação referente ao trabalho, plantio, cultura e costumes, deflagram o quão supérfluas são as concepções de “atrasado” que se tem do rural. É pertinente destacar aqui, que vem desse meio – que muitos ainda pensam ser “atrasado” - a maior parte dos alimentos saudáveis que chega à mesa das pessoas hoje.

Essas outras constatações servem como indício da necessidade de preservação e conhecimento que deve haver sob espaço rural, da mesma forma que as próprias famílias que ali residem tem o compromisso de zelar por sua cultura, modos de vida e relações familiares. É no campo, e somente no campo que “[...] a família procura manter uma rede de afinidades naturais, determinadas pela necessária unidade funcional de existência, proporcionada pelo relacionamento de

uma relação natural, na sensibilidade correspondente para com a necessidade alheia[...]” (Caliari, 2002 p. 70). Porém, ao negar ou deixar de fazer-se presente na vida educacional dos seus filhos, essas mesmas famílias estão abnegando-os do crescimento.

Ao tratar sobre os fatores que são mais importantes no processo de ensino desta Pedagogia para os jovens da CFRSI estes destacam que os fatores relevantes da alternância definem-se pelo estudo voltado à agricultura e ao desenvolvimento da propriedade, pela alternância de tempo e espaço que a formação proporciona o trabalho em comunhão ao estudo. Estes fatores podem ser observados nas imagens que retratam algumas das atividades desenvolvidas na CFRSI.



FIGURA 04: ATIVIDADES DE SETOR
FONTE: documentos CFRSI



FIGURA 05: AULA PRÁTICA
FONTE: documentos CFRSI



FIGURA 06: VISITA DE ESTUDOS
FONTE: documentos da CFRSI

No que tange a questão referente ao aspecto da permanência do jovem no meio rural, os jovens estudantes da CFRSI colocaram como propósito a formação pela alternância o fato de melhorar o conhecimento em relação as atividades para produzir mais e melhor, fortalecer a lucratividade, o incentivo à agricultura para não sair da propriedade em busca de outro trabalho, o desenvolvimento da propriedade, a valorização da agricultura e o auxílio a família. Algumas figuras abaixo fazem parte da pesquisa com os jovens estudantes da CFR demonstrando melhorias e aperfeiçoamentos na propriedade.



FIGURA 07: IMPLEMENTAÇÕES NA SALA DE ORDENHA
FONTE: coleta de materiais da pesquisa

CONTROLE REPRODUTIVO LEITEIRO - Gostão

Nome da Vaca: RAÇA E Nº	Data Bio/inseminação Touro	Data de Secagem	Previsão de Parto
Costa / Holandesas nº 195	25/10/2010	05/06/2011	03/08/2011
Costa / Holandesas nº 20			
Costa / Holandesas nº 220			
Costa / Holandesas nº 219			
Costa / Holandesas nº 198			
Costa / Holandesas nº -		23/05/2010	
Costa / Holandesas nº 195			
Costa / Holandesas nº -			
Costa / Holandesas nº -			

FIGURA 08: ADEQUAÇÃO E ORGANIZAÇÃO PARA CONTROLE DO LEITE
 FONTE: coleta de materiais da pesquisa



FIGURA 09: AQUISIÇÃO DE PLANTADEIRA PARA PROPRIEDADE
 FONTE: coleta de materiais da pesquisa



FIGURA 10: IMPLEMENTAÇÃO DE ESTUFA NA PRODUÇÃO DE TOMATES

FONTE: material coletado na pesquisa

Ao tratarmos do meio de vida de um sujeito envolvemos também seus costumes, suas necessidades e sonhos. Na continuidade dos trabalhos desses jovens que pensam em dar sequência a atividade de seus pais tendo a possibilidade de fazer diferente e de uma forma mais fácil a melhoria na produção ou a implementação de algum maquinário, material ou local realizada pelo trabalho e iniciativa deles próprios significa uma conquista e grande responsabilidade.

Na questão referente ao que é pensado sobre o meio rural em relação a permanência e desenvolvimento os jovens estudantes destacam o anseio de conhecimentos específicos para permanência ao meio rural, bem como de melhoramento da qualidade de vida da família ao colocar a necessidade de “Tocar a

propriedade juntamente com meu pai, desenvolver as atividades e ter como boa qualidade de vida da família e do jovem. (Jovem R6)”. “Adquirir novos conhecimentos para colocarmos em prática na propriedade. (Jovem R7)”. “Manter-se na propriedade e dar continuidade a propriedade e aplicar mais conhecimentos para poder se manter no campo. (Jovem R8)”.

Percebe-se neste contexto um anseio dos jovens em ter conhecimentos para mudar a sua realidade, para fazer diferente e tornar a propriedade algo rentável e que venha a melhorar suas condições de vida digna.

Essa necessidade se faz prática e real a partir da participação destes jovens no desenvolvimento dos trabalhos e atividades junto à família na propriedade, a maioria dos alternantes coloca que foram construídos novos conhecimentos, os quais aplicados à propriedade, melhor forma de interação e participação na vida familiar e comunitária e um diálogo mais aberto com pais para a elaboração do planejamento familiar. (CALIARI, 2002)

A maioria das famílias já percebe o valor e a importância dos conhecimentos que o jovem traz da CFR, admitindo que estes possam trabalhar o manejo da terra e da propriedade em si com mais autonomia, no entanto, ainda existe resistência por parte de algumas famílias, pelo fato de admitir a mudança de hábitos – cultivo, plantio – muito duvidosa, restringindo as modificações e implementações necessárias, ou as técnicas de cultivo diferenciadas que os jovens venham a efetuar.

Na questão realizada com os egressos referente a liberdade de promover mudanças na forma de trabalho da família evidencia-se dificuldade na transposição dos conhecimentos adquiridos na CFR para a propriedade:

Durante os meus estudos na CFR, nem tudo eu podia colocar em prática em casa. Tinha coisas que meu pai não aceitava que mudasse da forma como ele vinha fazendo. Acho mesmo que era o medo de dar errado, sabe, não acreditava muito nas coisas que ele ouvia, ia nos encontros mas não acreditava muito, sabe. (Egresso R5)

Essa desmotivação muitas vezes pode ser dada por um entrave familiar de aspecto hierárquico, isto é, a resistência de algumas famílias, principalmente o pai, em conceder ao(a) filho(a) a oportunidade de ter autonomia para participar e decidir sobre o planejamento, execução, mudanças nas práticas familiares e aplicação de novos conhecimentos, diferentes dos já fixados pela herança paternal.

O diálogo com a família é fundamental para a Pedagogia da Alternância. Através desse, educando, educador, família e comunidade realizam uma partilha de saberes e conhecimentos que possibilitam uma experiência educativa inovadora e implicada na realidade. Frente às ideias de Freire (2000), esta educação permite o diálogo, a socialização, o ensinar-aprender, o respeito à autonomia, à dignidade e a identidade do educando. (PACHECO, 2010, p. 133)

Essa restrição pode ser percebida como um fator cultural/familiar ou somente pela falta de informação. Cultural, pois os modos de produção de uma família são pertinentes a tal, herança de gerações passadas, que determinam muitas vezes as atividades de uma família e, falta de informação, por elas mesmas – famílias - conceberem a Pedagogia da Alternância de forma reduzida, isto é, para o jovem permanecer no campo, sendo que essa é uma das finalidades. Em sua plenitude a Pedagogia da Alternância busca a formação integral deste jovem, melhores condições de vida e de oportunidades como cidadão camponês.

Mas não podemos deixar de notar que vem emergindo de forma lenta e continuada a mudança de concepção quanto à realidade e possibilidade do meio rural, para os jovens alternantes e suas famílias engajadas à Pedagogia da Alternância, isto se fez notar através dos proeminentes contatos viabilizados na ACFRSI, para a construção deste estudo. O trabalho com o real e com o concreto se faz presente no aprendizado e conhecimento para a formação do jovem alternante levando esse fato à mediação de suas necessidades.

Segundo Passador (2006), a Pedagogia da Alternância através dos CEFFAs vem possibilitando uma nova relação dos agricultores com a agricultura. De acordo com a autora esse modelo de educação

Desperta nos agricultores novas formas de vivenciar a agricultura, minimizando as agressões ambientais e diminuindo o problema da dependência de fatores externos à propriedade para que ocorra o processo produtivo, gerando, assim, mais perspectivas para as gerações futuras. Este objetivo concretiza-se através do trabalho em grupo, da organização dos agricultores e do espírito associativista, articulando, ainda, a realidade das comunidades agrícolas com o processo de ensino fundamental e médio. (PASSADOR, 2006 p. 165).

A entrevista com os monitores da CFR também traz que o meio rural hoje é local de grandes oportunidades de vida em família, de criar os filhos e desenvolver-se com saúde, inteligência, harmonia e paz, trabalhando na propriedade como um

espaço onde as pessoas possam evoluir e crescer, por que é no meio rural que se encontram os princípios da sociedade e da natureza. Da mesma forma ressalta sobre o ensino das Casas Familiares Rurais.

A Pedagogia da Alternância é a Pedagogia do concreto. O grande impacto proveniente da Pedagogia da Alternância é a oportunidade do sujeito construir sua caminhada, fazer seu espaço. Esta Pedagogia tem objetivos específicos que propiciam aos alunos seu real crescimento, é na CFR que ele vai elaborar seu projeto de vida, reconhecer-se como indivíduo social, assumindo lideranças e sendo referência comunitária, se esse jovem realizar uma vez o trabalho com vontade e responsabilidade, realizará sempre, qualquer trabalho, seguindo tais princípios. (Monitor R1)

A importância da CFR e a Pedagogia da Alternância é notável também através da liderança comunitária, mediante sua concepção do que é a Pedagogia da Alternância e seu papel no desenvolvimento sustentável rural da nova geração

Por acreditar na CFR e na Pedagogia da Alternância é que investimos mensalmente, pois o papel nosso como instituição cooperativa e principalmente agropecuária é de contribuir e tornar o campo também jovem, que leve novas ideias, que aplique novas tecnologias, pois os mesmos estão abertos a mudanças, a inovação, capazes de revolucionar cada vez mais a agricultura do país. (Liderança R1)

A CFR significa para mim uma extensão da família do aluno, que lá estuda, pois a modalidade da PA não distancia o aluno da convivência de sua família. Isto contribui para uma formação mais voltada a realidade da propriedade tornando-a sustentável, favorecendo a permanência no meio rural com melhor qualidade de vida. (Liderança R2)

Acreditar que é possível formar pessoas comprometidas através da alternância é investir neste ensino, não somente financeiramente, mas difundir essa ideia como um pensamento concreto. O amparo dos líderes comunitários é fundamental para a associação, constituem-se forças neste processo de formação do jovem.

O sistema CEFFA tem como características, promover o desenvolvimento sustentável nas comunidades locais. Assim, o trabalho escolar precisa estar relacionado ao trabalho comunitário e familiar rumo à construção de qualidade de vida das pessoas e seus contextos rurais. Torna-se objetivo da escola, potencializar os contextos locais mediante a efetiva participação dos jovens e suas famílias na dinâmica comunidade/escola.

Para a alternância é importante que tanto o jovem, quanto o meio se desenvolvam. Levando-se em consideração que o desenvolvimento deve melhorar a vida das pessoas (desenvolvimento humano), de todas as pessoas

(desenvolvimento social), das que estão vivas hoje e das que viverão amanhã (desenvolvimento sustentável), a Pedagogia da Alternância promove o desenvolvimento econômico e sociocultural das famílias e conseqüentemente da comunidade, através de um conhecimento adequado à sua realidade, levando o agricultor a ter acesso a uma moderna tecnologia apropriada ao seu modo de produção, habilitando-o a analisar criticamente sua realidade e nela interferir para modificá-la. (PACHECO, 2010, p. 133)

Fonseca (2009, p.2) ressalta a importância da educação para um desenvolvimento sustentável do meio. Segundo a autora

Nesta perspectiva, ressalta-se a relevância da educação, notadamente a importância do conceito de aprendizagem durante a vida em um mundo de rápidas transformações. Os compartimentos e as categorias tradicionais já não podem manter-se isolados uns dos outros e deve-se trabalhar, cada vez mais, para a inter-relação das disciplinas, visando enfrentar os problemas do mundo de hoje. Para caminharmos no sentido da sustentabilidade, será necessário que a educação não apenas dure por toda a vida, mas que, além disso, seja ampla como a vida; uma educação a serviço de toda a população, que aproveite todas as áreas do conhecimento e trate de inserir o saber em todas as principais atividades da vida.

Sendo assim, o desenvolvimento do meio resulta da interação de diferentes atores com objetivos comuns. A partir da interação dos mesmos, são conduzidas ações de desenvolvimento de competências, de atitudes, de comportamentos para um bem estar econômico e social melhor para todos que vivem nesse meio. Portanto, quando os atores de um determinado contexto compartilham interesses de desenvolvimento em comum, eles podem utilizar os CEFFAs como espaço de socialização e possível concretização de suas ideias.

Assim, a formação profissional técnica a partir dos saberes já construídos do jovem aliada a formação humana não transforma somente a rotina organizacional da propriedade, mas redefine a forma de pensar do grupo familiar e da comunidade redirecionando para uma produção sustentável e preservação dos recursos naturais.

Na questão que trata sobre a formação pela PA, à produção e ao desenvolvimento do meio, os jovens estudantes ressaltaram a importância da permanência no campo para dar continuidade ao trabalho dos pais e a necessidade de se desenvolverem técnicas que auxiliem no trabalho com a família para melhorar o lucro da propriedade, definir qual o seu potencial de trabalho e utilizar os seus recursos de maneira coesa e consciente. Também destacaram a importância dos

temas do plano de estudo serem bem elaborados e pensados para as realidades emergentes, isto é, o que os próprios jovens vivenciam.

Elaborar o conteúdo do plano de estudo é provocar o intercâmbio no meio do grupo, deixar que as práticas sejam expressas, as experiências, os conhecimentos, as interrogações dos alternantes a respeito do tema. É convidá-los a procurar “por que e o como” das coisas, as circunstâncias as ações e sua razão de ser. É ainda levá-los a avaliarem, a darem seu ponto de vista como atores socioprofissionais (GIMONET, 2007 p. 35).

Mediante o exposto acima é indissociável tratar do ensino alternante sem mencionar a produção sustentável. Os jovens desenvolvem durante os três anos de CFR um Projeto de Vida, trabalho este que se refere ao conhecimento do lugar onde vivem, num primeiro momento, para após ir tomando forma de um planejamento articulado que faça um levantamento do que a propriedade tem de forte de potencial e no que precisa investir. Esse trabalho agrega além dos estudos quanto as atividades rurais e planejamento de ordem financeira o cuidado com o local. Cuidado em continuar a ter os mesmos recursos quando a propriedade for conduzida pelas próximas gerações.

Ao tratar com os jovens sobre a construção do Projeto de Vida e a produção sustentável destacou-se nas respostas destes estudantes a intervenção pela PA para que esse projeto pudesse tomar forma e ser desenvolvido, e, com os cursos, práticas, aulas voltadas à questão da sustentabilidade, subsistência, produção saudável tornou-se possível fazer do trabalho um meio de sustento e preservação.

A família trabalha com atividades de subsistência, mas somente para o consumo. Durante as alternâncias tivemos alguns cursos que nos ensinou e nos trouxe conhecimento de como trabalhar com essas atividades para ter uma ótima qualidade de vida. (Jovem R5)

Ao iniciar seus estudos no CEFFA, o jovem é orientado a construir seu projeto de vida. É um meio de o jovem concretizar as pesquisas do Plano do Estudo, buscando conhecer melhor a realidade socioeconômica, cultural política profissional e regional. Começa a pensar no futuro como profissional montando um projeto que de um norte a sua vida sendo aplicado na sua comunidade ou fora dela.

De acordo com Pacheco (2010, p.160),

Toda a trajetória educacional do CEFFA é para dar condições para o jovem a ter uma vida mais digna e independente, usando técnicas apropriadas a

vida camponesa da região. Dar subsídios para a transformação do campo é uma missão que o movimento dos CEFFAs luta a cada dia para elevar a vida do homem e mulher das comunidades rurais.

Ainda em relação ao Projeto de Vida, para outros jovens, a construção do projeto de vida em alguns aspectos foi prejudicada pela troca de monitores no período das aulas, pois as orientações na construção do trabalho eram divergentes, como pode ser observado na fala de um jovem:

A PA auxiliou no projeto, pois antes não tínhamos ideia de como podíamos melhorar nossas propriedades, mas a troca de professores atrapalhou o entendimento em alguns pontos do projeto, pois cada um explicava de uma maneira. Sobre produção sustentável vimos sobre produção de hortaliças, plantas medicinais, hidropônicas, remédios caseiros contra pragas, entre outros. (Jovem R2)

Cabe ressaltar aqui, a importância atribuída ao monitor, mais que um educador é quem direciona os trabalhos dos jovens e convive com eles durante a semana na CFR, expondo-lhes momentos de experimentação, dúvidas e questionamentos, acompanhando o trabalho e as etapas dos jovens no processo da alternância como traz Gimonet (2007, p. 67),

Toda alternância reside naquilo que coloca o alternante em jogos de Complexidade, de passagens, de rupturas e de relações. Ele encontra e vive entidades diferentes, cada uma com suas especificidades, seus saberes, seu saber-fazer seu saber-ser, sua linguagem, sua cultura, seus atores, seus jogos de influência nos quais o “eu”, numa dialética de personalização e socialização deve situar-se e crescer. (GIMONET, 2007 p. 67)

Os monitores são fundamentais para esse processo de ensino, na efetuação de seus “papéis de ensino, de educação, de acompanhamento, de ajuda variáveis em função das finalidades da instituição e da concepção que cada formador ou educador se faz em sua função” (GIMONET, 2007 p.105). Para tanto, o monitor precisa de uma formação apropriada, que dê cadência e ofereça possibilidades de trabalhar junto aos adolescentes com responsabilidade e compromisso, ciente da definição de seu espaço e de seus instrumentos de trabalho.

Ao buscar repostas junto aos monitores da CFRSI quanto ao trabalho na alternância, destacou-se como um ponto forte da equipe é a abertura para opiniões e planejamento, dando ao monitor autonomia e auxílio na elaboração de seu

planejamento, mas a principal dificuldade é igual a maioria das outras escolas, apesar de ter reuniões praticamente mensais sobre o andamento das atividades, dificilmente consegue-se realizar um planejamento semanal envolvendo todas as áreas devido a outros compromissos profissionais dos educadores.

Já outro monitor, posiciona-se diferente quando menciona que

não há facilidades, pois é um trabalho constante que precisa ser realizado sempre visando o melhoramento, este mesmo, frisa a dificuldade de trabalho com alguns temas geradores por não possuir profissionais específicos nessas áreas que deem conta de desenvolver os conteúdos em comunhão com a realidade dos jovens. (Monitor R2)

Ressalta-se que o trabalho da alternância envolve diferentes opiniões e formações, neste sentido, é necessário que se projete uma formação para o trabalho com os jovens, no âmbito de planejamento, construção e desenvolvimento do projeto de vida na linha de formação que cada um optar seguir.

Entende-se assim que, para atuar no trabalho com a pedagogia da alternância, os profissionais devem ser qualificados em suas respectivas áreas do conhecimento, conhecer e compreender a Pedagogia da Alternância para que a mesma seja desenvolvida de acordo com os seus objetivos e princípios, oferecendo uma educação de qualidade além de estar atendendo as necessidades e anseios dos jovens e as famílias de agricultores que nelas estão inseridos.

É papel dos educadores na formação em alternância considerar o projeto de desenvolvimento da sociedade como um todo e o exercício de sua função não se reduza à forma de transmitir conhecimentos prontos e hegemonizados pelo modelo tradicional. Como lembra Freire (1997) o educador deve antes de tudo assumir-se como tal, e isso implica dois elementos importantes: o senso de dever em relação à sociedade, principalmente em relação aos educandos que ele orienta, além disso, implica a consciência e a postura enquanto profissional da educação.

Para ser educador na CFR é necessário dedicação, comprometimento, estudo, além disso, é fundamental que haja, como diz Freire (1997), “respeito aos saberes dos educandos”, tendo em vista a realidade e experiência de vida dos mesmos. Nessa perspectiva, o educador deve valorizar o conhecimento já construído e proporcionar, a partir daquilo que já conhecem, a construção de novos saberes, tendo a ciência de que os educandos são sujeitos e não objetos a serem transformados. (FREIRE, 1997).

De acordo com Freire (1997), é necessário discutir com os alunos a realidade concreta relacionando-a com a disciplina cujo conteúdo está intrínseco aos temas geradores, associando os saberes curriculares fundamentais à experiência social que eles possuem. Essa aproximação do meio vivido com a escola, promove, nos educandos, a curiosidade crítica, possibilitando compreender efetivamente aquilo que está acontecendo ao seu redor, na sociedade, tanto em termos políticos, como econômicos e sociais, fazendo com que modifique a própria realidade, desenvolvendo seu espaço.

Evidencia-se que em Frederico Westphalen, a Casa Familiar Rural vem contribuindo, de maneira significativa, para o desenvolvimento local. Pacheco (2010, p.134-135) demonstra através de sua pesquisa que a maioria dos agricultores familiares, da Região do Médio Alto Uruguai, egressos da Casa Familiar Rural, são proprietários de pequenas propriedades de terra, o tamanho variando entre 6 a 60 hectares. Ainda reforça que, 65% dos proprietários rurais adquiriram mais terras no decorrer da formação e também após esse período, como pode ser observado no gráfico da pesquisa:

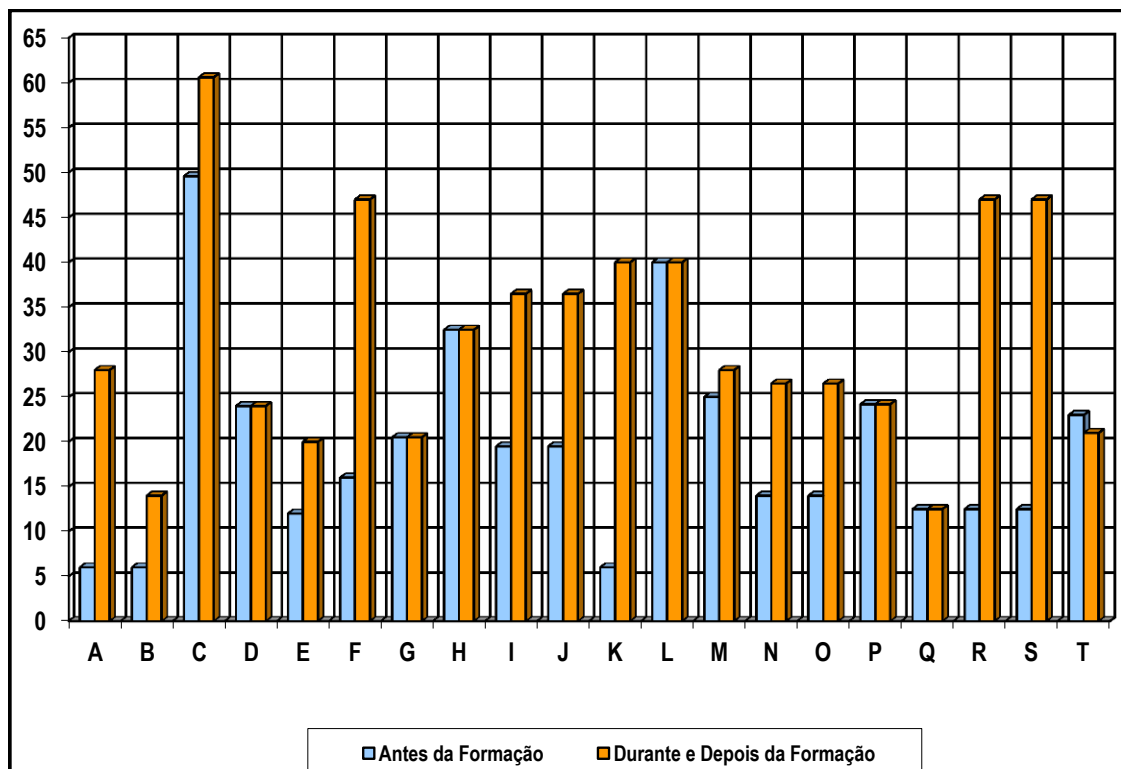


GRÁFICO 1: AQUISIÇÃO DE TERRAS PELOS EGRESSOS DA CFR-FW
 FONTE: Pacheco (2010, p. 135)

A aquisição de terras pelos egressos da CFR pode ser caracterizada como uma preocupação em produzir mais e diversificar melhor a produção. Com isso, melhorando a qualidade de vida da família, sem, no entanto, deixar de ser agricultor familiar. Wanderley (1999, p. 23), traz como um dos conceitos sobre a agricultura familiar sendo “aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo”.

O desenvolvimento e a sustentabilidade da agricultura familiar têm sido afetados por diversos fatores. Um deles é a dificuldade de acesso dos agricultores familiares à escolarização. Essa dificuldade de acesso à uma educação formal voltada à sua realidade, dificulta que os agricultores familiares compreendam a razão de muitos de seus problemas e limita sua participação nos processos de busca de soluções para o desenvolvimento rural sustentável.

Dessa forma, os sistemas CEFFAs aparecem como uma alternativa viável para o desenvolvimento rural, porque eles visam justamente contribuir para o desenvolvimento sustentável, através do trabalho das associações das escolas, em projetos coletivos, que viabilizem o desenvolvimento da instituição, dos alunos, da comunidade e dos pequenos produtores. Eles podem contribuir para o desenvolvimento do campo, porque atuam na formação teórica e prática dos educandos, respeitando a sua cultura e seu meio, de forma que eles tenham conhecimentos técnicos e filosóficos que os favoreçam desenvolver a comunidade, bem como a si mesmos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o impacto dos CEFFAs e da Pedagogia da Alternância para o desenvolvimento sustentável rural, apresentando inicialmente, um estudo teórico à cerca da Pedagogia da Alternância e seus instrumentos, também da compreensão a respeito da sustentabilidade.

No decorrer do trabalho pode-se constatar que a Pedagogia da Alternância baseia-se no anseio dos agricultores em possibilitarem que seus filhos ao mesmo tempo que estudem, permaneçam no meio rural, como sucessores da família, trabalhando junto à ela. Esta forma de ensino define-se como uma prática educativa que teve seu início na França em um período entre-guerras, expondo seu surgimento em um cenário de precariedade, ao mesmo tempo que, expunha a vontade e a necessidade de pessoas pela melhoria do ensino.

Através dos estudos foi possível conhecer um pouco mais da história da Pedagogia da Alternância, da realidade dos jovens e dos anseios das famílias e dos jovens que preocupam-se com a vida no meio rural ao passo que, despertaram o interesse para alcançar o Parecer que estabelecia o funcionamento da Escola de ensino Médio, em caráter experimental e após com aprovação definitiva.

Reafirma-se a ideia de que a Pedagogia da Alternância proporciona uma educação que relaciona os conhecimentos com a prática, de acordo com a realidade e característica da região, da mesma forma que o método da Alternância desenvolve-se em três momentos: no meio socioprofissional, na Casa Familiar Rural e retorna ao meio socioprofissional. Esta alternância de tempos e espaços é que permitem e auxiliam no aprendizado, oportunizando ao jovem o “ver, o julgar e o agir”.

Destacou-se, que a formação pela Alternância ampara-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, envolvendo as áreas do conhecimento e considerando aspectos da organização e adequação do ensino à população do meio rural, com conteúdos voltados as especificidades locais e regionais.

Na mesma medida, é possível salientar a respeito da sustentabilidade, tema que hodiernamente vem granjeando espaço nas ações governamentais e nos espaços de trabalho do meio rural.

O meio rural diferente da cidade comporta não somente valores humanos diferentes, como modo de pensar, as atividades, costumes e forma de vida das pessoas. Esse espaço passou por um longo período de exclusão e abandono, relegado às mazelas sócias, tanto a maioria das pessoas residentes no campo mudaram-se para a cidade em busca de uma outra forma de vida.

Superou-se então a concepção deste período de que o meio rural era espaço de pobreza e poucas oportunidades, é sabido que o ambiente rural oferece muitas oportunidades de trabalho e de vida digna.

É neste sentido, que os CEFFAs e a Pedagogia da Alternância trabalham para que o jovem perceba o quão rico e cheio de possibilidades é o espaço onde vive, e que aprimorar-se, construir conhecimentos necessários à lida diária do campo, conhecimentos que lhe permitam inovar e trabalhar a terra de forma a descobrir o seu potencial, aumentar a lucratividade e gerir os recursos naturais com sustentabilidade.

Com a Investigação prática, observou-se a relação que se estabelece entre os sujeitos da aprendizagem. Nesta, aprende-se além dos conteúdos programáticos, pois o diálogo sempre presente durante o desenvolvimento e aplicação dos instrumentos permite uma construção mais aprofundada.

Da mesma forma, nas questões referentes a aplicação dos instrumentos, foi possível diagnosticar a proximidade que eles tem com a vida do jovem e de sua família, os instrumentos partem de uma situação real, vivenciada por pessoas que trazem consigo uma carga enorme de saberes.

Através dos instrumentos pedagógicos da Alternância, se oportuniza também a expressão oral e escrita, individual e coletiva e se conduz o educando a refletir suas próprias ações compreendendo-se em seu meio de atuação. O trabalho alternante é desenvolvido de forma dinâmica e diversificada, incentivando e instigando jovem a construção do conhecimento, pois trabalha com o seu modo de vida.

Há o incentivo as práticas sustentáveis na forma que a Pedagogia da Alternância é trabalhada durante a formação dos jovens, a dinâmica entre monitores,

líderes comunitários e família mostrou que é possível uma mudança radical no pensamento e atuação que o adolescente tem na família, na comunidade e na CFR.

Então, retomando ao problema de pesquisa o qual buscava saber sobre o impacto dos CEFFAs e da PA no desenvolvimento sustentável do meio rural, pode-se compreender a atividade alternante como um meio de sustentabilidade, partindo do princípio de construção de um meio rural de oportunidades e de que o jovem como ator desse processo tem o compromisso de mudança. Essa mudança preconiza-se na forma do trabalho com a terra e o que ela tem à oferecer.

Neste sentido, uma prática educacional que se pode considerar efetivamente como uma “ação transformadora” propicia as condições para a construção de uma pedagogia comprometida com o alternante e com a prática, buscando formas para envolver-se nos momentos de atuação, fazendo-o com solidariedade e comprometendo-se com a formação de cidadãos, compartilhando dos ideais para eliminação da exclusão social, acesso ao conhecimento, ampliação do potencial pessoal, cognitivo e preocupação ecológica em relação às gerações futuras. Uma educação rural, assumindo-se transformadora, facilita ao jovem rural despertar sua consciência e adotar um compromisso mais amplo; indo além da recepção de conteúdos, e tornando-se ator da mudança, coparticipante e responsável pelos programas que contribuam efetivamente para a melhoria da vida nas comunidades.

Uma escola transformadora é o local oportuno para o exercício do ato do ouvir e do ato de refletir sobre a realidade vivida pelo jovem rural. Por um lado, absorvedora da problematização formulada pelo jovem e, por outro, propulsora, mediante ato contínuo da reflexão, da ação refletida. O aluno, sujeito ativo desse processo, capta as indagações e problematizações advindas de sua realidade vivida em família e na comunidade. Transfere-as para a escola e, por um processo de explanação em comum, compara com as dos outros envolvidos, as analisa, as interpreta e as generaliza com o coletivo. Portanto, a vivência no CEFFAs requer vontade e uma sólida estrutura metodológica, com o auxílio dos instrumentos organizacionais necessários para seu desenvolvimento harmonioso, além do envolvimento afetivo e conjuntivo dos atores deste programa, buscando sempre a reflexão das práticas (ações) para uma nova atuação. Além disso, esse movimento atinge uma dimensão no espaço e tempo educativos que reelaboram o saber e o aprender tradicional, tornando-os adequados às necessidades da pessoa em

formação, inscrevendo-a num processo permanente e que implica numa “estrutura associativa, educativa e pedagógica”(GIMONET, 2007 p. 154).

Nesse caso, educar passa a ser a forma de incorporação de toda a concepção holística do conhecimento da humanidade, integrando e relacionando as partes entre si e como todo, evidenciando a contextualização histórica e social do espaço rural, com seus integrantes e elementos, a fim de que essas forças sejam canalizadas de maneira unilateral, onde prevaleçam o resgate, a conservação e recriação dando sentido aos valores e a cultura de um grupo, fazendo-os perceber se como parte deste processo onde projeta-se uma educação autônoma e que os estimule a serem agentes, à produzir suas representações, suas palavras, e seu sustento, transformando-se assim em um aprendizado para a vida cotidiana. Vida essa, com caráter digno de condições sustentáveis e de qualidade.

7 REFERENCIAS

ALTIERI, M.A. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa.** Tradução de Patrícia Vaz. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

ARROYO, M.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C.(org.) **Por uma educação do Campo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

ALTMANN, R.A **Agricultura Familiar e os Contratos.** Florianópolis: Pallotti, 1997.

BAUER, M.W; GASKELL G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Editora VozesLtda, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2000.

BEGNAMI, J, B; E MOREIRA, F. **Os fundamentos da pedagogia da alternância.** Monografia apresentada ao Curso de Especialização (Lato Sensu) formação integral do homem rural: alternância como processo, UFES/MEPES, 1996, Vitória.

BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê III – O(a) monitor(a) e os instrumentos pedagógicos.** SIMFR, 2003.

BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê III módulo IV – O(a) monitor(a) e o plano de formação do CEFFA.** SIMFR, 2003.

BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê III módulo V – O(a) monitor(a) e o projeto profissional do jovem.** SIMFR, 2003.

BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê III Módulo V – O(a) Monitor(a) e o Projeto Profissional do Jovem.** SIMFR, 2003.

BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê VI –O (a) monitor (a) e o (a) Educando (a).** SIMFR, 2003.

BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê VII – O(a) monitor(a) e as Relações Humanas no CEFFA.** SIMFR, 2003.

BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê VIII – O(a) monitor(a) e as parcerias na formação.** SIMFR, 2003.

BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê IX – O(a) monitor(a) e o Desenvolvimento Local Sustentável**. SIMFR, 2003.

BEGNAMI, João Batista; BURGHGRAVE, Thierry de. **Dossiê X – O(a) monitor(a) e as Correntes Pedagógicas**. SIMFR, 2003.

BEGNAMI, João Batista. **Pedagogia da Alternância como Sistema Educativo**. Revista da Formação por Alternância. –v 1 (2005) Brasília: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil, 2006. v- 1 n. 2 Semestral

CALDER, B.J. (1977). **Focus group and the nature of qualitative marketing research**. *Journal of Marketing Research*, 14, 353-364.

CALIARI, Rogério Omar; ALENCAR, Edgard; AMÂNCIO, Robson. **Pedagogia da Alternância e desenvolvimento local**. Disponível em : <http://revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/viewFile/258/255>. Acessado em: 20/11/2012

CALVÓ, P. P. Centros familiares de formação em alternância. In: *Pedagogia da Alternância: alternância e desenvolvimento*. Salvador: Dupligráfica, 1999.

CALVO, P, P. Definiciones de alternancia. Coloquio na sesión de avaliación de monitores, UNEFAB, 2001, Brasília

CALVÓ, P. P. **Formação pessoal e desenvolvimento local**. .In. *Pedagogia da Alternância: Formação e desenvolvimento*. II Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância. Brasília: UNEFAB, 2002. p. 126-146.

CALVÓ P. P. **Que orientação profissional é possível promover no ensino fundamental**. Revista da Formação por Alternância. Brasília: UNEFAB, 2005, p. 22.

DAGNINO, Renato. **Tecnologia Social: ferramenta para construir outra sociedade**. Campinas, SP: Komedi, 2010.

DUFFARE, A. **Educacion, Medio Y Alternancia**., Buenos Aires: Ediciones, 1993.

ESTEVAM, D. de O.; **Casa Familiar Rural**. A formação com base na Pedagogia da Alternância. Florianópolis: Insular, 2003.

FONSECA, Maria Tereza Lousa. **A extensão rural no Brasil: um projeto educativo para o capital**. São Paulo: Loyola, 1985.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa.** 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e crise do trabalho. Perspectivas para o final do século.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

GADOTTI M..Pedagogia da terra e cultura da sustentabilidade In. **Pedagogia da Alternância: Formação e desenvolvimento.** II Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância. Brasília: UNEFAB, 2002. p. 148.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIMONET, J-C.**Alternance et Relations Humaines.** Editions Universitaires, UNMFREO, 1984, Paris.

GIMONET, J-C.**A alternância em formação.** Método pedagógico ou novo sistema educativo? A experiência das MFRs. In: DEMOL, J,N et PILON, J, M. **Alternance, Développement Personnel et Local (Coords).** Trad. Thierry de Burghgrave, L'Harmattan, 1998, Paris.

GIMONET, J-C. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAS.** Petropolis,RJ: Vozes, Paris: AIMFR- Associação Internacional dos Movimentos de formação Rural, 2007.

GHEDIN, E. **Hermenêutica e pesquisa em educação: caminhos da investigação interpretativa.** Disponível em < <http://www.sepq.org.br/IIIsipeq/anais/pdf/gt1/10.pdf> > Acesso em 04 jun. 2012.

GNOATO, A. A. **Pedagogia da Alternância: uma proposta de educação e desenvolvimento no campo.** In. Revista da formação por alternância. n. 2. Brasília: UNEFAB, jul. 2006. p. 67-90.

GÖRGEN, Frei Sérgio Antônio. **Os novos desafios da agricultura camponesa.** Porto Alegre: s/e, 2004.

HILLESHEIM, L. P.; KNOB, D.A.A alternância como Pedagogia de formação para o sujeito do campo. In: **Anais do VII Simpósio de Educação: Complexidade e Conhecimento.** Frederico Westphalen: URI, 2008. Monitor da Casa Familiar Rural Santo Isidoro. Frederico Westphalen, 2010.

HILLESHEIM, Luiz Pedro. **A formação integral na visão dos sujeitos da alternância.** Revista Formação por Alternância. Ano 3, nº 5, 2007.

JESUS, Janinha Gerke de. **Saberes e formação dos professores na pedagogia da alternância**. Vitória, 2007. 229f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória – ES.

MARCO REFERENCIAL EM AGROECOLOGIA / Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. – Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. 70 p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**. 5 Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

MARTINS, J.S. **Frenteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

NOZELLA, P. **Uma nova educação para o meio rural**. Sistematização e problematização da experiência educacional das escolas de família agrícola do movimento educacional e promocional do Espírito Santo. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUC, 1997, São Paulo.

PACHECO, Luci Mary Duso. **Práticas educativas escolares de enfrentamento e superação da exclusão social no meio rural: a pedagogia da alternância e a Casa Familiar Rural em Frederico Westphalen**. São Leopoldo. 2010. Tese de Doutorado Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de pós graduação em educação.

PASSADOR, Cláudia Souza. **A educação rural no Brasil**. O caso da escola do campo no Paraná. São Paulo: Annablume, 2006

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. Trad. Nathanael C. Caixeira. Petrópolis: Vozes, 1971

QUEIROZ, J. B. P.; **A participação dos agricultores na construção dos CEFFA's**. In. Revista da formação por alternância. n. 3. Brasília: UNEFAB, 2006. p. 5-15.

SEN, A. R. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

SEVERINO, A. J. **Filosofia**. São Paulo: Cortez, 1992. (Col. Magistério).

SILVA, J. V. **Tecnologia em Agricultura Familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SILVA, L. H; **As experiências de formação de jovens do campo**. Minas Gerais. UFV:2003

SILVA, L, H. **As representações sociais da relação educativa escola-família no universo das experiências de formação em alternância**. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – PUC, 2000, São Paulo.

SILVA L.H. Modalidades, representações e práticas de alternância na formação de jovens agricultores. In. **Revista da formação por alternância**. n. 2. Brasília: UNEFAB, jul. 2006. p. 5-23.

TEDESCO, João Carlos. **Agricultura Familiar Realidades e Perspectivas**. Ed. UPF, 2001.

VEIGA-NETO, A.(Org.). **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

8 APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista Semiestruturada

Roteiro para entrevista com egresso e familiares

- 1 - Como ficaram sabendo da CFR, para que seus filhos estudassem nela? O que falaram para vocês sobre a mesma?
- 2 – O que vocês entendem por Casa Familiar e Pedagogia da alternância?
- 3 – Qual é o incentivo e cobrança que a família tem em relação ao jovem?
- 4 – Como era o dialogo entre a família antes, durante e após a formação?
- 5 – Para a família, qual foi a interferência que teve a CFR na vida e na propriedade?
- 6 – A família teve participação ativa nas atividades desenvolvidas durante o período em que o jovem esteve estudando?
- 7 – Quais as contribuições que teve a CFR no desenvolvimento da família?

Roteiro para entrevista com educadores CFR

- 1 – Como você percebe a contribuição da Pedagogia da Alternância na formação do jovem agricultor alternante?
- 2 – Qual é o papel do monitor na formação do jovem alternante?
- 3 – Quais são as principais facilidades e dificuldades que a equipe encontra, no trabalho na CFR?
- 4 – O que você monitor faz para ajudar o jovem na construção do conhecimento técnico e profissional?

Roteiro para entrevista com jovens CFR

- 1 – Como você ficou sabendo sobre a CFR, e quais foram os fatores que o levou a estudar na formação por alternância?
- 2 – Qual era o propósito de você jovem, em fazer a formação e construção do conhecimento na CFR?
- 3 – Descreva como foi sua participação na FCR em relação aos estudos e no trabalho em equipe e na propriedade.
- 4 – Que importância tem a pedagogia da alternância na sua formação pessoal e profissional?

Roteiro para entrevista com líderes comunitários

1 – O que significa para você a CFR e a Pedagogia da Alternância?

2 – Você observou alguma diferença no jovem e em sua família após ter começado a estudar na CFR? Se sim, quais essas mudanças?

3 – Como você vê a importância da participação das lideranças no processo de formação desses jovens?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:

URI – UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
CAMPUS DE FREDERICO WESTPHALEN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**O Impacto da Casa Familiar Rural e da Pedagogia da Alternância no
desenvolvimento sustentável do meio rural**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Informações para o(a) participante voluntário(a):

Você está convidado(a) a responder este questionário anônimo que faz parte da coleta de dados da pesquisa O Impacto da Casa Familiar Rural e da Pedagogia da Alternância no desenvolvimento sustentável do meio rural, sob responsabilidade do pesquisador Cleber Renato Zortea. Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos: a) você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza; b) você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso; c) sua identidade será mantida em sigilo; d) caso você queira, poderá ser informado(a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.

Frederico Westphalen, _____ de _____ de 201__

Participante

Pesquisador

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Campus de Frederico Westphalen, RS – Av. Assis Brasil, 709, Itapagé, 98400-000
Fone: 55
e-mail: tec10276@gmail.com

APÊNDICE C – Memórias de uma escolha:

MEMÓRIAS DE UMA ESCOLHA

Cleber Renato Zortea

Um dos legados mais importantes da família foi o amor em trabalhar com a terra. Prepará-la. Plantá-la. Cuidá-la. Colher e valorizar a importância do equilíbrio da natureza através da diversificação e técnicas de produção sustentável, todas passadas através das gerações.

Lembro-me do conselho que o técnico da Emater-RS de Rodeio Bonito-RS me falou a cinco anos atrás, sobre o conhecimento do meu avó Paulo Zortea, sobre produção sustentável, que enquanto as empresas e os prestadores de assistência técnica pregavam em queimar as restevas da culturas agrícolas e fazer de dois a três revolvimento do solo por cultura.

O meu avó dizia que isso não ia durar muito tempo ia terminar com o solo, ele realizava de um a dois revolvimento de solo para o plantio consorciado de milho e soja e era contra a queima dos restos das culturas e dizia que em vez de queimar e retirar, devemos levar à lavoura, desde restos de vegetais recolhidos ao redor da casa até os dejetos dos animais para reestruturar o solo e proteger da radiação direta do sol sobre o solo e aumentar a umidade. Dizia o quanto aprendeu com seu Paulo que não tinha o terceiro ano concluído, mas a visão que tinha através da observação da natureza.

A forma que o pai utilizava para ensinar como se desenvolvia cada cultura ou animal, que enquanto estávamos capinando ele aproveitava para ensinar através da prática (a prática se torna a teoria e a teoria se torna a prática), nessa nova construção do conhecimento relacionava matemática, química, física entre outras, quando, por exemplo arrancava uma planta de soja e mostrava a planta e dizia que quanto mais fofo (estruturado) o solo, mais a raiz cresce e conseqüentemente maior a planta com maior produção, mostrando a planta dizia que, para chegar na floração ela foi plantada em novembro e fim de janeiro e início de fevereiro floresce e fim de abril e maio madurece para colheita, que quanto mais palha ou adubo orgânico maior retenção de água, que uma saca de milho de 60kg precisa de 360 espigas de milho, ou seja, se em um hectare que tem 50.000 mil plantas, com média de uma espiga por planta provavelmente iremos colher 138,88 sacas de milho.

Com a observação do comportamento das culturas ia se aprimorando o conhecimento e melhorando a produção, como por exemplo, sabem que plantando batata doce em montes de palhas de um ano pro outro, produz mais, mas explicar cientificamente quais são os fatores que possibilitam esse aumento da produção eles não sabem, mas sabem que produz mais nesse sistema de plantio.

Desde criança, nas séries iniciais, sempre tive interesse de estudar/aprender técnicas agropecuárias, gostava da disciplina Técnicas Agrícolas pelo fato desta disciplina se relacionava com o dia a dia na propriedade, mas com o passar dos bimestres percebi que não aprendia novas técnicas, apenas realizava atividades normais, sem construções de novos conhecimentos técnicos.

Com o passar dos tempos cada vez mais aumentava meu interesse em me dedicar na formação agropecuária, principalmente pelo fato de observar que meu pai tinha interesse de implantar novas atividades na propriedade e buscava auxílio aos técnicos do município e não obtinha retorno na propriedade, além de fazer o que gosto queria ajudar a família e as outras famílias que tivessem interesse de aprender novas técnicas realizando a formação nessa área.

Sempre procurei buscar conhecimento relacionando com o dia-a-dia, queria dar sequência nos estudos, mas que o curso de formação que fosse realizar, que os educadores trabalhassem o conteúdo relacionando com o nosso dia-a-dia e com as possíveis defrontações que iríamos enfrentar, que cada conteúdo trabalhado fosse realizado na socialização do conhecimento, prática e reconstrução do conhecimento, que aprendesse na teoria e prática como realizar cada atividade. Que cada conteúdo trabalhado havendo possibilidade, que pudesse colocar em prática na propriedade, para conhecer ainda mais os detalhes e principais fatores de técnicas e manejo em relação a realidade do clima e fatores resistência e adaptação da cultivar ou raça nesse ambiente para melhorar a produção.

Com convicção do que queria e apesar das dificuldades não desisti de realizar meu sonho, após ter realizado o curso superior de Tecnologia em Zootecnia e iniciar o trabalho na propriedade e em outras propriedades com êxito, comecei a observar que outros jovens também têm os mesmos sonhos que tinha, na tentativa de colaborar na construção do conhecimento desses jovens, busquei formação pedagógica e especialização em Educação no Campo como melhor preparação para trabalhar na formação desses jovens, conhecendo o sistema de construção do conhecimento através da Pedagogia da Alternância na educação rural aumentou

ainda mais meu interesse em desenvolver sistema de educação que pudesse atingir o máximo possível o anseio e desejo desses jovens que buscam novas técnicas de produção com redução de custo, aumento da produção em um sistema de produção sustentável.

O método de Ensino desenvolvido pelas Casas Familiar Rural através da Pedagogia da Alternância visa atender esses anseios dos jovens e de suas famílias, pois na construção do conhecimento desses jovens, os monitores que têm papel importante nesse processo de formação deve estar preparado com uma boa formação técnica e técnicas pedagógicas capaz de envolver o jovem e despertar cada vez mais o interesse e a curiosidade em buscar novos conhecimentos em relação à sua formação.

A través desse método os jovens devem envolver suas famílias no processo de construção do conhecimento, mesmo na maioria das vezes seus pais estarem em casa os jovens devem participar de forma ativa das atividades desenvolvidas nas Casas Familiares Rurais, desde na participação dos setores, quanto nos momentos teóricos e práticos desenvolvidos nas Casas. Pois ao chegar em casa o jovem deve mostrar para seus pais o que aprendeu e fez durante a semana e sucessivamente transmitir para comunidade nos momentos oportunos de dia de campo, nos jogos, antes ou depois da missa, enfim transmitir o que aprendeu. Além de os pais acompanharem as atividades dos seus filhos durante a semana, eles colaboram juntamente com os jovens com o plano de formação deles de acordo com o as estações do ano e os ciclos das cultivares ou época e manejo dos animais, colaboram na formação/construção do conhecimento e na medida que os jovens vão mostrando capacidade de desenvolver as atividades da propriedade os pais acabam cedendo espaços para que seus filhos possam realizar as práticas que aprendeu e começar a ser ainda mais responsável.

Nesse processo o principal objetivo é a preparação e qualificação do jovem para que esteja preparado para trabalhar em grupo, desenvolver técnicas que trazem bons resultados de produção e rentabilidade à família, mas isso vai depender do interesse dos jovens em aprender e participar das atividades desenvolvidas na Casa Familiar Rural em sala de aula, nos setores, nas visitas de estudo e nas práticas, onde o educando assume suas responsabilidades e as desenvolvem com amor.

Para que este sistema venha obter êxito, os monitores devem realizar um bom trabalho, estar preparado para trabalhar com os jovens, conhecer a realidade de cada educando para saber como proceder o encaminhamento dos trabalhos e auxiliar na construção de seu conhecimento. Nos momento em que esta com os educandos, os monitores devem instigar os educandos a serem ativos nesse processo educativo, no momento das teorias, das práticas, ao acompanhar nos trabalhos nos setores, nos momentos de conversas com os educandos, no atendimento personalizado na colocação em comum e com as intervenções externas. Os monitores devem se identificar com o meio rural.

Tanto os monitores que trabalham as áreas do conhecimento quanto os que trabalham as técnicas devem debater e discutir como relacionar o conteúdo que cada um trabalha de modo que os educandos possam entender onde eles irão utilizar aquele conhecimento, por exemplo, relacionar cubagem com regra de três, reação dos nutrientes no solo com as ligações químicas, a irrigação com física em relação a força da motobomba com a vazão de água, a linguagem como relatar as atividades realizadas ou fazer um ofício, etc.

È necessário também que durante o processo de construção e reconstrução do conhecimento o educando possa desenvolver o projeto de vida da família, para que ao concluir a formação o mesmo já tem um trabalho em andamento que é seu próprio negócio, conclui com trabalho garantido, incentivando-os a participarem na sociedade (cooperativa, sindicato, comunidade e Igreja) de forma ativa.

No ano de 2008 realizei estagio na Casa Familiar Rural Santo Isidoro de Frederico Westphalen/RS, que acabou me surpreendendo pela forma e método de ensino utilizado pelos monitores através da Pedagogia da Alternância, onde me identifiquei muito pela forma de trabalho, no ano de 2009 e 2010 tive a oportunidade de trabalhar como monitor, desempenhando o papel de monitor na área técnica, onde realizei trabalho teórico e prático em sala de aula, nas propriedades e em laboratório, realizei visitas de estudos e visita na propriedade dos jovens, trabalhei no auxílio da construção do projeto profissional de vida da família do educando, acompanhei o atendimento personalizado e colocação em comum, pude acompanhar o trabalho dos educandos na Casa Familiar Rural e em sua propriedade e auxilia-los conforme necessidade deles.

Em virtude da forma como é trabalhado e pelo convívio tanto os monitores, governantas, secretária, a associação e as entidades envolvidas, acaba se tornando

uma família, estão sempre procurando um ajudar o outro, os jovens se reúnem uns na casa dos outros para ajudar quando há aperto de trabalho, na troca de trabalho, quando ocorre algum resultado positivo na propriedade, eles socializam com os colegas, nessas alternâncias ocorrem muitas trocas de experiências, que os auxiliam e desenvolver melhores resultados.

Em virtude disso tenho interesse em saber qual o impacto que esse trabalho da Casa Familiar Rural esta tendo na família desses educandos e na sociedade, eles estão pondo em prática e dando sequencia durante e após concluírem, como as famílias veem o papel da Casa Familiar Rural na formação desses jovens e na sociedade.